

5. A DIMENSÃO ESCATOLÓGICA DA *EVANGELII NUNTIANDI*

Introdução

O Papa Paulo VI, na linha do Sínodo dos Bispos, ressalta o valor da evangelização realizada por Jesus, tendo-o como o próprio “Evangelho de Deus,” “o primeiro e o maior dos evangelizadores,” realizando esse intento de forma perfeita até no sacrifício de sua própria vida.¹ Entretanto, lembra o pontífice que uma síntese completa sobre o sentido, o conteúdo e os modos da evangelização, tal como Jesus a concebia e a pôs em prática, não a teremos como algo acabado de forma perfeita.

Por essa razão, elegemos como aspectos essenciais os artigos que vamos analisar neste capítulo, nos quais ressaltaremos os parágrafos que dão enfoque à dimensão escatológica apontada nessa Exortação Pontifícia, por isso delineamos conforme esses artigos, as seguintes categorias teológicas centrais na Exortação Pontifícia: Reino de Deus, Salvação, Esperança e Eternidade, que requerem resposta livre e solidária da pessoa humana, por seu testemunho e vigilância fiel.

Ao tratarmos da escatologia desse documento fundamental para a Igreja, é-nos sugerido não um tratado dessa teologia, mas uma reflexão sobre a perspectiva escatológica, ou seja, da pré-disposição suscitada para a meta final da história humana.

Vale ressaltar que essa dimensão é lembrada pelo Papa Paulo VI como de “capital importância”,² pois o Pontífice se mantém fiel ao mandado do Senhor, na tarefa de apresentar a mensagem evangélica, a fim de que “os homens acreditem e sejam salvos”, pois “é a salvação dos homens que está em causa; é a beleza da Revelação que ela representa; depois, ela comporta uma sabedoria que não é deste mundo. Ela é capaz, por si mesma, de suscitar a fé, uma fé que se apoia na potência de Deus” (Cf. 1Cor 2,5).³ Vale ressaltar, ainda, que a dimensão escatológica da *Evangelii Nuntiandi* tem ligação direta com as reflexões teológicas do Concílio Vaticano II e do Sínodo dos Bispos de 1974, com o tema da “Evangelização para o Mundo de Hoje”.

¹ Cf. EN, 7, e ainda, Mc 1, 1; Rm 1, 1-3.

² EN, 5.

³ Ibidem

Para tanto, os artigos apontados na Exortação se apresentam de modo paradigmático para a reflexão escatológica do Documento, embora na Exortação encontrem outros artigos que não deixam de ter aspectos escatológicos decorrentes daqueles, e que ora lembramos. Estes, portanto, nos orientarão a perceber, a partir da humanidade de Jesus e do Reino por ele anunciado, a esperança escatológica da Salvação e a realização plena da vida, o que norteia o testemunho cristão.

O centro da reflexão de Jesus é o amor do Deus da vida, que procura sempre a Salvação do ser humano. Por essa razão, o Papa Paulo VI nos fornece o caminho de uma integração entre uma Salvação Transcendente e Histórica, que supõe metas para uma civilização do amor, na evangelização que se estende para o tempo atual.

5.1 – O Reino anunciado por Jesus é absoluto

A escatologia que se evidencia na Exortação do Papa Paulo VI tem seu início no anúncio do Reino de Deus por Jesus e de sua revelação como o Messias de Deus.⁴

O próprio título deste artigo da *Evangelii Nuntiandi* já nos faz denotar a ação e o propósito de Jesus em fazer conhecida uma realidade que já era esperada, mas que, por sua vez, tinha enfoques diferentes em diversos grupos.⁵ No entanto, essas perspectivas são rompidas, pois é no próprio Jesus, em suas ações e palavras que o Reino irromperá. Em Jesus, o Reino já está presente (Cf. Lc 4,21; 10,23; Mt 11, 2-6) e em íntima conexão com sua pessoa e não apenas próximo. Daí, o Papa Paulo

⁴ Cf. EN, 6-9.

⁵ Trata-se do tempo messiânico, quando o povo esperava a ação de Deus com a vinda de seu messias (o ungido de Deus) para consolá-los e os libertá-los do jugo de seus opressores (Cf. Is 40-55) e inaugurar a sua Reino. Enfim, uma esperança nos dias futuros, que também é confirmada no anúncio de João Batista: “No deserto, abri um caminho para Jahweh; na estepe, aplainai uma vereda para o nosso Deus, seja entulhado todo vale, todo monte e toda colina seja nivelada...” (Cf. Is 40, 3-4ss.; Mt 3,23; Sl 96; 97; 98). A fidelidade de Deus, desde sua promessa a Abraão fundamentava esta esperança no reino futuro. Essa vinda era diversamente interpretada pelos diversos grupos religiosos: os Fariseus, notadamente legalistas, apontavam sua vinda quando o povo obedecesse fielmente a Torah (lei de Deus); os Zelotes, em seu caráter revolucionário, apontava seu surgimento a partir da força das armas, na forma de uma teocracia política; os Apocalípticos como a nova terra e o novo céu; e até mesmo João Batista entendia-o como juízo e possível condenação (Cf. Mt 3,7-10). Cf. FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Salvação de Jesus Cristo: A doutrina da Graça*, São Paulo, 2004, p. 33.

VI ressaltar a intrínseca relação existente entre a pessoa de Jesus e o Reino por ele anunciado.⁶

O Reino de Deus, anunciado por Jesus, tem passado a ter significado profundo na Igreja da segunda metade do século XX,⁷ que se apresenta de modo humilde e dialogante, a partir do Papa Paulo VI; pois a mensagem de Jesus centra-se no Reino e tem nele seu Absoluto.⁸ O Deus de Jesus, portanto, é o Deus do Reino e, entre os seguidores de Jesus, tudo deve converter-se ao Reino, pois “tudo é relativo, só o Reino é absoluto”,⁹ como também afirma o Papa Paulo VI.

Como evangelizador, Cristo anuncia, em primeiro lugar, um Reino, o Reino de Deus, de tal maneira importante que, em comparação com ele, tudo o mais passa a ser "o resto", que é "dado por acréscimo". **Só o Reino, por conseguinte, é Absoluto**, e faz com que se torne relativo tudo o mais que não se identifica com ele. O Senhor comprazer-se-ia em descrever, sob muitíssimas formas diversas, a felicidade de fazer parte deste Reino, felicidade paradoxal, feita de coisas que o mundo aborrece; as exigências do reino e a sua carta magna; os arautos do reino; os seus mistérios; os seus filhos; e **a vigilância e a fidelidade que se exigem daqueles que esperam o seu advento definitivo. (EN 8)**

Para Jesus, o Reino de Deus é “ação soberana e livre de Deus. Dele vem a iniciativa de revelar sua realidade própria e absoluta, manifestando seu Amor Salvífico Universal”.¹⁰ Por essa razão, só se entende o Reino de Deus a partir do próprio Deus que se aproxima salvadoramente do homem, com face de amor, como Graça, e como Dom. É proximidade salvífica do próprio Deus.¹¹ Por isso, tem uma dimensão de Absoluto, de Infinito e de Definitivo dirigida ao ser humano, dentro das coordenadas do tempo e do espaço, ao mais profundo de cada um deles, apontando sua condição relativa, frágil e efêmera.

⁶ Cf. EN, 8. Segundo o Pontífice, o Reino anunciado por Cristo “é Absoluto e por sua vez torna relativo tudo que não se identifica com Ele”.

⁷ Cf. TABORDA, Francisco sj. *Sacramentos, Práxis e Festa: Para uma teologia latino-americana dos sacramentos. Série IV / A Igreja, Sacramento de libertação*, Petrópolis, 1987, p. 23. O autor considera que a fé no anúncio de Cristo é a presença mesma da salvação já agora na história humana, embora a salvação em plenitude só se realize escatologicamente na visão de Deus. Porém, a feição da fé varia também com a situação histórica, como acontece com a fé contestada e triunfalista do século XIX para a fé humilde e dialogante do século XX.

⁸ O termo “Absoluto” vem contrapor a constante relativização das coisas, o que estava sendo comum no relacionamento dos cristãos com a cultura moderna; a ponto de ver relativizar o próprio Deus.

⁹ EN, 8.

¹⁰ LIBÂNIO, João Batista. – BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã, o Novo Céu e a Nova Terra*, op. cit., p.109.

¹¹ Ibidem

O Reino, portanto, é uma realidade que abarca toda a história: “O Reino já chegou a vós” (Mt 12, 28); e propõe uma nova maneira de a história ser (Cf. Lc 4, 16-19).

Portanto, a esperança escatológica entende que as palavras de Jesus querem traduzir que o Reino “já” começa nesta história sua revelação, até que sua própria natureza, que é plenitude, mostra-se por definitivo, pois “o Reino de Deus possui sua própria transcendência histórica”.¹² Daí a razão do anúncio escatológico de Jesus, que trataremos a seguir.

5.1.1 – O anúncio de Cristo é Escatológico

Como vimos, a preocupação do Papa Paulo VI é trazer à tona, para a vida da Igreja, uma maior compreensão da ação evangelizadora de Jesus, que é ação de Deus na história e na vida humana.¹³ Assim, a esperança cristã, que herda o caráter de historicidade da esperança de Israel, ganha concretude com Jesus e se abre a novas dimensões, o que proporciona um discurso escatológico novamente ligado à história. Além disso, a retomada da compreensão da esperança à luz da Escritura, em especial com referência a Jesus, ajudou a elaborar uma esperança escatológica mais dinâmica, pela libertação e pela capacidade de transformar o mundo. De fato, o núcleo de toda atuação de Jesus é o Reino de Deus, que é o conceito dominante de sua pregação. Jesus não anunciava a si mesmo, mas o Reino de seu Pai, que é “a realidade que dava sentido a toda a sua atividade”.¹⁴

Em oposição a João Batista, que pregava acerca do Reino de Deus, a partir de um juízo iminente e de uma proximidade amedrontadora de Deus (Lc 3,1-20), Jesus fala de misericórdia e perdão (Cf. Lc 15), sendo sinal de alegria (Cf. Lc 1,14; 2,10; 10,17; 15,7.10; 24,41.52). Mas também é discernimento e juízo (Lc 14,24).

¹² Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, São Paulo, 1994, p. 199. Ainda sobre o mesmo assunto: cf. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, Petrópolis, 2004, pp. 138-140. Ambos os autores afirmam, juntamente como a Carta de Paulo aos Romanos (Rm 15,13), que “o Deus da esperança” já está aí, já está presente e se auto-doando, cumulando os homens de esperança, na expectativa da realização definitiva de seu Reino, já em ação nesta história. Afirmam, portanto, que o Reino deve ser para o homem o Eterno Futuro Absoluto, pois ele nunca deixará de chegar para o homem, mas jamais chega de forma absoluta, a ponto de se esgotar totalmente seu inefável futuro. Afinal, Deus respeita a liberdade do homem. Afinal, Ele sempre se revela como Aquele que liberta o homem de suas ligações com o passado, para que cada um esteja livre para o futuro que se manifesta no presente.

¹³ Cf. DV, 2.

¹⁴ BLANK. Renold J, *Escatologia do mundo: O projeto cósmico de Deus*. Escatologia II, São Paulo, 2001, p. 168.

O anúncio do Reino tem lugar particular e fundamental na vida de Jesus, pois constitui um motivo que caracteriza, desde o início, toda a sua vida pública.

O autor da Carta aos Hebreus, situando o anúncio escatológico de Jesus na trajetória da história do Povo de Deus, afirma que tanto Moisés quanto Josué se esforçaram por conduzir o Povo de Deus à Terra Prometida (o descanso de Deus),¹⁵ porém, desde o deserto até Canaã, o povo revoltou-se e, dividido, fez-se infiel a Deus. Nesse sentido, Jesus é o novo Josué, o guia do novo Povo de Deus, que alcançou a verdadeira Terra Prometida, “o descanso de Deus”, e vem reconduzir o povo, guiando-o até a realização da promessa. Deus, portanto, empenhou-se radicalmente com o futuro e a salvação do homem, o que torna realidade em Jesus Cristo.¹⁶

Das imagens do Evangelho, fundamentadas nas palavras e ações de Jesus Cristo, podemos deduzir alguns elementos essenciais do significado do anúncio do Reino de Deus.

O primeiro é o sentido absoluto desse fenômeno, diante do qual todo o resto relativiza o segundo aponta como qualidade do Reino, ligada, intimamente, ao mistério da salvação de todos os homens. O terceiro, a pregação do Reino, também lança um desafio decisivo à conversão da vida do homem para a fé no Evangelho e para o compromisso com a pessoa de Jesus Cristo, num sentido radical e total. E, por fim, existe ainda o fato de que o Reino de Deus é revelado, substancialmente, como um dom próprio da liberdade de Deus, cheio de amor e de perdão, que, por sua livre iniciativa, oferece-se como presente insuperável à humanidade, porém não exclui, mas requer, a colaboração do homem em sua realização.¹⁷

Enfim, esses aspectos que notamos levam a confirmar um caráter marcado pela tensão entre o “já” finalmente, e o “ainda não” da realidade do Reino presente “em nosso meio” e da plenitude futura “aos fins dos tempos”; o que implica um período intermediário entre o início do cumprimento do Reino até sua

¹⁵ Cf. TESTA, Emanuele. “Bibbia e missione”. In. *Dizionario di Missiologia* (Pontificia Università Urbaniana). Bologna, 1993, pp. 65-69.

¹⁶ Ibidem, p. 67; e ainda: Cf. Hb 3-4.

¹⁷ Cf. NUNNENMACHER, Eugen. “Regno di Dio”. In. *Dizionario di Missiologia* (Pontificia Università Urbaniana). Bologna, 1993, pp. 421-425.

manifestação perfeita; um caminho que também envolve todas as dimensões históricas da humanidade.¹⁸

Desse modo, embora a *Evangelii Nuntiandi* não faça referência a uma reflexão acerca dos “novíssimos”,¹⁹ torna-se possível uma clara reflexão sobre suas categorias a partir de Jesus Cristo, que nos comunicou o Absoluto Futuro²⁰, que, vindo a nosso encontro, começou a realizar a plenitude derradeira e definitiva.

Podemos, portanto, afirmar que Jesus anuncia a proximidade temporal do Reino de Deus, o que já se manifesta em sinais. Esse Reino anunciado levará a história a seu pleno acabamento, ao irromper-se ainda no seio da geração de Jesus, de modo definitivo e último. Embora Jesus tenha feito essa proclamação dentro de um horizonte de mundo e de história da apocalíptica, onde o Reino de Deus é entendido vindo de cima e pondo fim ao tempo linear da história.²¹ Esse esquema cultural já ultrapassou, mas o Reino de Deus continua sendo o dado fundamental da pregação de Jesus. Nesse anúncio de Cristo, a proximidade de Deus como Absoluto faz amadurecer a condição humana para a sua definitividade, onde tudo se lhe abre em liberdade e consciência.²²

Por essa razão é que o Papa Paulo VI, a partir da irrupção do Reino de Deus e do anúncio escatológico de Jesus, preocupa-se em fazer conhecida à Igreja Contemporânea a realização da fidelidade de Deus para com seu Povo e seu Plano de Salvação, pois nem todos conseguem se abrir a essa novidade do Reino anunciado por Cristo.²³

¹⁸ Cf. NUNNENMACHER, Eugen. “Regno di Dio”. In. *Dizionario di Missiologia*, op. cit., p. 421; e ainda EN, 9.

¹⁹ Sobre os “Novíssimos”, trata-se de um tratado da dogmática, com base no texto de Eclesiastes: “Em todas as tuas obras, lembra-te dos teus novíssimos, e jamais pecarás” (Ecl. 7,40); que busca aprofundar acerca das categorias últimas do homem e do mundo (da morte, do juízo-purgatório, do céu e do inferno), o que não aparece refletido na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, no tocante à Dimensão Escatológica da Evangelização.

²⁰ Cf. De maneira especial na EN, nn. 8. 9. 26 e 27. Cf. Ainda em BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, op. cit., p. 23.

²¹ LIBÂNIO, João Batista. – BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã: o Novo Céu e a Nova Terra*, op. cit., p.143.

²² LIBÂNIO, João Batista. – BINGEMER, Maria Clara. *Escatologia Cristã: o Novo Céu e a Nova Terra*, loc. cit., p.143.

²³ Aqui, pelas observações nos textos da *Evangelii Nuntiandi* (Cf. EN, 4.5) na linha do Sínodo de 1974, é nítida a preocupação do Papa Paulo VI em levar o magistério da Igreja ou a própria Igreja a dar as respostas necessárias às interpelações que a humanidade contemporânea a questiona. Para tanto, percebe o Pontífice a urgência em “anunciar o evangelho e para inserir no coração dos homens, com convicção, liberdade de espírito e eficácia” (Cf. EN, 4). Assim sendo responderia de forma “leal, humilde, corajosa e, depois, de agir conseqüentemente” (Cf. EN, 5); e mais, daria “novo impulso para todos” (Ibidem), sobretudo, àqueles que trabalham na área da educação da fé

Nossa reflexão avança na linha dessa situação de expectativa, que nos provoca e predispõe a uma realidade, embora desconhecida, como afirmou Santo Agostinho, “uma felicidade,”²⁴ que, mesmo não a tendo atingido em sua realidade plena, somos tomados do desejo de encontrá-la. Razão, portanto, de uma vigilância escatológica às novidades vindouras iniciadas por Jesus, que nos coloca em prontidão para o encontro definitivo.

5.1.2 – A vigilância e a fidelidade na esperança

A vigilância tem sido considerada pelo Papa Paulo VI, desde o Concílio Vaticano II, “dentre as muitas recomendações, uma das mais sérias e repetidas que, ainda hoje vale sempre lembrar os fiéis seguidores do Senhor”.²⁵ Trata-se de um valioso conselho de Cristo, ao se referir ao destino último do homem ou a sua vinda definitiva (parusia),²⁶ embora não diga quando se dará. Quando Jesus emprega o “não sabeis nem o dia e nem a hora” em sua pregação, entende-se a total imprevisão do “quando” do final dos tempos. E, insistindo na vigilância e perseverança, percebe-se um Jesus mais preocupado com a qualificação do tempo em que se vive, do que com a quantificação dos dias que faltam para o fim.

(pregação e ensino). Vemos no Papa Paulo VI a razão de ter dado a seu documento um modo exortativo, pois sua preocupação está não em só aumentar o número de evangelizadores, mas que estes sejam tomados profundamente, pelo espírito do Evangelho. Desse modo, também encontraria caminho para uma Igreja que atualize sua missão de propagadora da mensagem do evangelho de Jesus Cristo, pois ela nada poderia fazer em relação a certo “ajuizamento sobre o homem, a sua natureza e a sua perfeição original sobre as consequências ruinosas do pecado original; capacidade do homem para o bem e auxílio de que precisa para desejá-lo e realizar sobre o sentido da vida presente e das suas finalidades; os valores que o homem deseja ou de que pode dispor, sobre o critério de perfeição e de santidade, e sobre os meios e modos para dar à vida o seu grau mais alto de beleza e plenitude: “sem nos referirmos ao ensino doutrinal de Cristo e do magistério eclesialístico dele derivado”. Cf. *Ecclesiam Suam*, 19.

²⁴ PAPA BENTO XVI. Carta Encíclica *SPE SALVI*: Sobre a Esperança Cristã, Brasília, 2007, nn. 10. 11 e 12, pp. 17-20.

²⁵ Cf. *Ecclesiam Suam*, 8, e EN, 8.

²⁶ O Papa Paulo VI, numa homilia pronunciada em Manila, ao ressaltar a necessidade da “pregação a Cristo até os confins da terra”, lembra a parusia: “Ele é quem de novo virá para ser o nosso juiz, mas também, como confiamos, a eterna plenitude da vida e nossa felicidade”. Cf. PP. Paulo VI. Das homilias de Paulo VI, papa. “Pregamos a Cristo até os confins da terra”. Homilia em Manila, pronunciada a 29 de novembro de 1970. In. LITURGIA das Horas, vol. III, *Ofício das Leituras da 13ª. Semana do Tempo Comum*, São Paulo, 2000, pp. 376-377. E, ainda, se tomarmos os textos como Lc 17,20: “Os fariseus perguntaram a Jesus sobre o momento em que chegaria o Reino de Deus. Jesus respondeu: “O Reino de Deus não vem ostensivamente” e Mc 13,32: “Quanto a esse dia e a essa hora, ninguém sabe nada, nem os anjos no céu, nem o Filho. “Somente o Pai é quem sabe”, constata-se que Jesus não se preocupou com a determinação do “quando” da parusia. Ele fala do fim acentuando o caráter imprevisível de seu advento, sem revelações apocalípticas, nem previsões de acontecimentos que permitissem um cálculo. Ele não aceita que se projete o fim ou se marque uma data. No texto lucano, Jesus, contra a opinião dos fariseus, assegura que a vinda do Reino não está sujeita à observação. Em Marcos, Jesus mesmo confessa ignorar o dia da parusia, pois se trata de um conhecimento exclusivo do Pai.

Nesta mesma linha, tem sentido a preocupação do Pontífice, quando vê a necessidade dos fiéis cristãos em manterem-se vigilantes em meio à missão evangelizadora no anúncio do Reino, juntamente com o retorno definitivo do Senhor. Porém, a “vigilância e a fidelidade”²⁷ na missão são amparadas pelo Espírito Santo, “o qual lhes ensina o que fazer e o que dizer diante de acusações, perseguições e dificuldades de toda espécie enfrentadas por causa do Reino de Deus.”²⁸

Notemos que a esperança, juntamente com a fé e a caridade, faz parte do modo de ser fundamental da vida cristã, o que é próprio da existência do cristão.²⁹

Portanto, a permanente espera da vinda definitiva do Senhor Jesus pelo cristão afirma sua consciência de já estar vivendo, em sua história, o limiar do Reino que caminha para sua definição, ou seja, está vivendo, hoje, como numa peregrinação, em convicta direção ao Absoluto, isto é, para Deus. É o que nos indica no modo de vida dos que optam por um seguimento mais próximo a Jesus, em fidelidade e vigilância, e adquirem uma típica e permanente “visibilidade” no meio do mundo; e o olhar dos fiéis é atraído para aquele mistério do Reino de Deus, que já atua na história, mas aguarda sua plena realização nos céus.”³⁰

O Evangelho de Marcos nos aponta essa “caminhada na estrada de Jesus”, ao destacar a figura de Jesus e os passos que todo discípulo, de ontem e de hoje, deve dar para seguir seu caminho, para viver sua fé.”³¹ E isso se torna evidente nesse evangelho, ao nos apresentá-lo como Messias, o Filho de Deus e também como o

²⁷ O Pontífice chama atenção acerca da vigilância e da fidelidade, juntamente, tendo-as “como exigências para os que esperam o advento definitivo do Reino” (Cf. EN, 8).

²⁸ Cf. BOFF, Lina. *Espírito e missão na obra de Lucas-Atos*: Para uma teologia do Espírito Santo, São Paulo, 2003, p.99.

²⁹ A primeira definição de uma comunidade cristã apresentada no Novo Testamento é dada pela “atividade de fé, o esforço do amor e a constância da esperança” (Cf. 1Ts 1,3). Assim, como é próprio dos pagãos não ter esperança (Cf. 1Ts 4,13; Ef 2,12), é próprio dos cristãos ter esperança. (Cf. Ef 1,12ss).

³⁰ PAPA JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-Sinodal Vita Consecrata* do Santo Padre Papa João Paulo II ao Episcopado e ao Clero, às Ordens e Congregações Religiosas, às Sociedades de vida apostólica, aos institutos seculares e a todos os fiéis sobre a vida consagrada e a sua missão na igreja e no mundo. Roma, 1996. n.º 1.

³¹ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Caminhamos na estrada de Jesus*: O Evangelho de Marcos, São Paulo, 1996, p. 5. O livro citado trata-se de um dos subsídios: n.º 2, em preparação à realização do Projeto de Evangelização “Rumo ao Novo Milênio”. O projeto quis evidenciar uma das maneiras privilegiadas para celebrar o ano 2000: reassumir com coragem as reformas promovidas pelo Concílio Vaticano II. Este projeto decorreu da Carta Apostólica “Advento do terceiro milênio”, no pontificado do Papa João Paulo II, o que vinha sendo fruto da nova evangelização assumida nesse pontificado, a partir da recepção da *Evangelii Nuntiandi*.

Filho do Homem, o enviado de Deus no fim dos tempos, convidando a todos para a vigilância e para a vida digna.

Cristo veio inaugurar a presença do Reino de Deus,³² e seus discípulos, iluminados pelo Espírito de Pentecostes (Cf. At 2,23; 3,15; 4,10; 5,30; 10,39ss), entenderam que, depois de sua elevação na glória, ficava para eles a missão de continuar, com responsabilidade, e de forma vigilante, o que ele fundara.³³

Cristo veio para nos revelar o sentido verdadeiro do esperado Reino de Deus: revelou que a causa do Reino de Deus é a causa dos homens e das mulheres deste mundo, e que o Reino de Deus se realiza entre nós pela prática do amor fraterno e da caridade benfazeja.³⁴ Por isso, sem distinção, devemos assumir como nossa a causa de Deus iniciada por Cristo: trata-se de uma vigilância escatológica, ou seja, estarmos ocupados, com diligência, lembra-nos o Papa Paulo VI,³⁵ com o Reino que Cristo mostrou presente, e enquanto vivemos preparando-nos para o encontro definitivo com Ele.

Essa vigilância, na qual homens e mulheres devem estar engajados, deve motivá-los na realização de projetos que orientam para o Reino de Deus, o que se dá na vida concreta de cada dia, conscientes dos problemas que enfrenta o mundo. De fato, Deus, intervindo em nossa história por seu Filho, Jesus Cristo, por sua própria e livre iniciativa, é interpelação para nós;³⁶ e, quando tomado, docilmente por ela, respondemos a esse gesto gratuito de Deus, assumindo o sentido último de nossa existência, concebendo nossa história como um projeto a se realizar.

Concluindo

³² “Jesus apresenta o Reino como já presente e em íntima conexão com sua pessoa (Lc 4,21; 10,23ss; Mt 11,2-6), e não apenas próximo. Além disso, esse Reino não é determinado pela idéia de juízo, mas pelo amor. A soberania de Deus é a soberania do perdão e da misericórdia (Lc 6,36). Também fica claro que o Reino resulta da ação salvífica de Deus, não pelo esforço humano ou de suas ações históricas”. Cf. FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Salvação de Jesus*, loc.cit., p. 33.

³³ Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador: Ensaio de cristologia crítica para o nosso tempo*, Petrópolis, 1972, p. 143.

³⁴ Cf. FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Salvação de Jesus Cristo*, loc. cit., pp. 33 e ss.

³⁵ Cf. EN, 27. O Papa Paulo VI evidencia sua preocupação com a atividade evangelizadora da Igreja, a qual deve empenhar-se ao máximo, buscando utilizar de todos os meios de que se dispõe nesta missão que lhes é própria. Assim, com empenho e muito zelo, cuidar para que o anúncio do evangelho (Jesus Cristo, sua encarnação, ministério de serviço, e seu mistério Pascal) seja conhecido.

³⁶ FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Salvação de Jesus Cristo*, op cit., p. 16.

Portanto, contrariando o pensamento apocalíptico,³⁷ Jesus anuncia a irrupção do Reino de Deus em meio ao tempo presente, por isso o comportamento adequado não é esperar pelo Reino, mas apropriar-se dele e deixar-se envolver por ele, aguardando sua definição. Para tanto, recordou-nos o Papa Paulo VI, no artigo em questão, a necessidade da “vigilância” e da “fidelidade”, pois vivemos na presença simultânea do humano e do divino, o que nos deixa em “tensão escatológica com relação à construção do Reino de Deus”, o que nos faz desejosos de buscarmos uma vida segura na direção do Senhor e na força do Espírito Santo,³⁸ pois a limitação que é própria da condição humana ainda nos atém. Nessa óptica, vê-se a necessidade da fidelidade, buscando a vivência de valores próprios desse Reino (justiça, solidariedade, partilha-comunhão, verdade etc.) que nos é apresentado por Jesus em seu ministério público de amor-doação. Por conseguinte, a manutenção para que tais valores do Reino não se percam em satisfações e desejos centrados em si mesmos, a vigilância constante é de fundamental importância. Nesse processo de construção do Reino, nossa parte é apenas começá-lo, pois sua realização definitiva não depende de nós.

Logo, é essa situação de fidelidade e vigilância total do amor de Deus, revelada em Jesus, que nos leva à superação de nossos medos e ansiedades, quando vistos como incertos e ameaçadores de nossa esperança num futuro definitivo; e nos mantém sempre vivendo no “já” de nossa história limitada e humana, a vida nova trazida por Jesus, que antecipa em gérmen a salvação definitiva.

Portanto, como fiéis em Cristo, estamos empenhados num caminho que vai até o pleno encontro com o Senhor, mesmo em meio a tentações e provas constantes, tendo a perseverança cristã como impulso corajoso em direção ao futuro, para Deus.

A vigilância escatológica é, portanto, a virtude de quem aguarda o fato que plenifica a vida. A vigilância supõe e exige um estado constante de preparação para juízo escatológico, colocando os fiéis de Cristo em estado permanente de crise (Cf. Lc 12,41-48), de modo especial, aqueles que têm a missão de anunciar o Reino, à semelhança do administrador fiel e prudente (Cf. Lc 12,42).

³⁷ É considerada aqui a condição própria da apocalíptica, segundo a qual “o Reino de Deus viria somente depois que o velho éon estivesse totalmente desaparecido”. Cf. NOCKE, Franz Josef. “Escatologia”. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática II*, Petrópolis, 2002, pp. 345 ss.

³⁸ Cf. BOFF, Lina, “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”, art. cit., pp. 26-27.

O acento teológico permitiu manter a esperança em Cristo, já presente em sua Igreja, e em sua parusia, encontro humano-divino que se realiza nos tempos atuais, enquanto espera os finais. Entre a iminência e a protelação da parusia, os primeiros cristãos preferem esperar no Deus fiel, que cumpre suas promessas. Para além do cálculo temporal, do quando e do como, está a experiência do encontro com o Ressuscitado, como penhor seguro da esperança no futuro em Cristo. As crises são superadas na passagem de uma esperança situada nos confins do tempo e do espaço, para uma expectativa no Deus fiel, que cumpre o que diz. O cronológico é superado pelo sentido teológico do evento.

5.2 – Cristo anuncia a salvação

Refletiremos, neste artigo da *Evangelii Nuntiandi*, acerca da salvação anunciada por Jesus Cristo, cujo sentido o Papa Paulo VI sugere como resultado de toda a vida de Jesus, quando ressalta que “Tudo começa durante a vida de Cristo”. O Pontífice se empenha, diligentemente, em esclarecer que a missão de Jesus foi tornar conhecida essa salvação, resultado da acolhida da Boa Nova do Reino de Deus, o que a coloca como “núcleo e centro de seu anúncio”, que se dá em palavras e ações.

Como núcleo e centro da sua Boa Nova, **Cristo anuncia a salvação**, esse grande dom de Deus, **que é libertação** de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação, sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por ele conhecido, de o ver e de se entregar a ele. **Tudo isso começa durante a vida do mesmo Cristo e é definitivamente alcançado pela sua morte e ressurreição**; mas deve ser prosseguido, pacientemente, no decorrer da história, para vir a ser plenamente realizado no dia da última vinda de Cristo, que ninguém, a não ser o Pai, sabe quando se verificará. (EN, 9)

O anúncio e o esclarecimento da salvação tiveram seu começo a partir de uma “pregação infatigável” do Reino de Deus por Jesus Cristo, o qual é compreendido pelo Pontífice como uma novidade, isto é, “uma doutrina nova ensinada com autoridade” (Mc 1,27);³⁹ que “jamais alguém havia pronunciado” (Jo 7, 46). Desse anúncio se podia notar que “as palavras de Jesus desvendavam

³⁹ EN, 11

segredos acerca de Deus, o seu desígnio e promessa,”⁴⁰ o que levava à mudança de vida das pessoas que o acolhiam.

No entanto, não foram apenas as palavras de Jesus que provocaram mudanças nas pessoas – lembra o Papa Paulo VI –, mas também os sinais inumeráveis, como: “enfermos curados, água transformada em vinho e mortos que tornaram à vida,”⁴¹ mas, sobretudo, o evangelho chegava aos pobres, os pequeninos, despertando-os à nova situação de comunhão em nome do Senhor. Tais acontecimentos afirmam toda a manifestação de Jesus, com palavras e ações, com sinais e milagres e, sobretudo, com sua morte e com sua ressurreição e, por fim, com o envio do Espírito de Verdade.⁴²

Após a morte e ressurreição de Jesus, a esperança deverá confortar a todos os que possuem o Espírito de Cristo (Rm 8, 23-25), e nenhuma força ou mal poderá separar os fiéis do seu amor (Rm 8, 33-35). A Graça Salvífica vinda pelo mistério da morte e ressurreição será sempre mais forte que as tribulações, angústias, perseguições ou medo; e isso se dará para todos os que aceitam a salvação (Rm 11, 30-32), pois o amor de Deus não tem limites, e a Graça se estende para todos os homens de boa vontade.

A vida e a ação de Jesus mostram, claramente, que a salvação que Ele realiza em nome de Deus não é tirar-nos de nossa humanidade, mas, antes, tirar-nos daquilo que nos impede de sermos humanos. É nesse sentido que podemos entender, por exemplo, os relatos evangélicos que narram as curas e os exorcismos operados por Jesus: são gestos salvadores que devolvem às pessoas a plena capacidade de humanidade. Nesse sentido fica mais fácil entender que a salvação não é apenas conserto da natureza corrompida pelo pecado, mas, muito mais que isso, ela é dom, acréscimo, dádiva, graça, excesso, abundância etc. Não se trata de refazer o que o humano foi, mas de dar realização plena às suas potencialidades, isto é, fazer com que o humano seja aquilo que é chamado a ser, “livre de tudo o que o oprime”⁴³. Portanto, a vitória é da vida, da libertação (Hb 2, 14-18).

5.2.1 – Uma salvação libertadora

⁴⁰ EN, 11

⁴¹ EN, 12

⁴² EN, 12; e ainda DV, 4.

⁴³ Cf. EN, 9

Na mesma linha da salvação de Jesus Cristo, a *Evangelii Nuntiandi* faz referência como ao homem livre de toda opressão, sobretudo do pecado, recorda o Papa Paulo VI.⁴⁴ Trata-se da condição de transparência em que se encontra o homem, quando livre, sem nenhum condicionamento, e se coloca diante do “desejo de conhecer a Deus e ser por Ele conhecido, de o ver e de se entregar a Ele”.⁴⁵

Para o Pontífice, o anúncio dessa salvação é a referência de “uma mensagem única e que não pode ser substituída, mas corajosamente anunciada,”⁴⁶ pois “é a salvação dos homens que está em causa; representando, por sua revelação, uma sabedoria que não é deste mundo.”⁴⁷

Nesse sentido, o Pontífice responde a uma situação de opressão em causa, de atitudes relativas e passageiras, partindo de uma revelação que é constante e plena, que é, por sua vez, a verdade que se mostrou através de Jesus Cristo, do testemunho que o Senhor dá de si mesmo. E, por sinal, ele nem mesmo reivindicou para si o título de Messias, pois queria mesmo era levar os homens a Deus.⁴⁸ Seu objetivo prático é a salvação e o bem-estar dos pobres, dos presos e

⁴⁴ Cf. EN, 9.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Essa preocupação com as exigências do progresso moderno já aparecia nítida, desde a primeira Encíclica do Pontífice, o que dificultava o diálogo da Igreja e fazia imperar a negação de Deus: “Sabemos, porém, que, nesse círculo ilimitado, há muita, muitíssima gente, por desgraça, que não professa nenhuma religião; sabemos até que muitos se dizem ateus, em variadíssimas formas. E [...] fazem profissão clara da sua impiedade e defendem como programa de educação humana e de atividade política, na ingênua, mas fatal persuasão de irem libertar o homem de concepções velhas e falsas sobre a vida e o mundo, para as substituírem, segundo dizem, por uma concepção científica, conforme as exigências do progresso moderno. É o fenômeno mais grave do nosso tempo [...]. Não é libertação, mas drama que tenta apagar a luz do Deus vivo. Por isso, resistiremos nós, com todas as forças, a essa negação avassaladora, pelo amor supremo da verdade, pelo compromisso sacrossanto de confessarmos Cristo e seu Evangelho, com maior fidelidade pelo amor apaixonado, irrenunciável à sorte da humanidade, e na esperança invencível de o homem moderno vir ainda a descobrir, na mensagem religiosa do Catolicismo, que é chamado a uma civilização imortal, mas sempre em progresso, a caminho da perfeição natural e sobrenatural do homem. A graça de Deus torna-o capaz de possuir pacífica e honestamente os bens temporais e abre-os à esperança dos bens eternos”. Cf. *Ecclesiam Suam*, 55-56 e ss.

⁴⁷ Cf. EN, 5.

⁴⁸ Cristo se revela verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus, cujo interesse não é mais que servir-se de sua própria vida para que o homem se reconheça, verdadeiramente, em sua própria humanidade. “Jesus era plena e inteiramente homem [...], mas não um simples homem e, sim, o verdadeiro homem. Como tal, forneceu-o [...], através de sua pregação, de seu procedimento e de seu destino, um modelo do ser homem que possibilita a todos os que a isso se entregarem confiantes, descobrirem e realizar o sentido do ser homem e de sua liberdade na existência para os coirmãos. Tendo sido confirmado por Deus, representa ele, finalmente, a medida última, permanentemente segura, do ser homem”. Também se revela verdadeiramente Deus. “Todos os enunciados [...], a respeito da filiação divina, pré-existência, mediação na criação e encarnação querem, em última análise, nada mais, nada menos do que apenas isto: fundamentar o caráter

dos pecadores em sua realidade própria e concreta.⁴⁹ Para isso, o Senhor “investe toda a sua energia e todo o poder de mensageiro escatológico e de seu profetismo prometido para o futuro.”⁵⁰

Fica claro que o projeto de Deus para a humanidade, em Jesus, é o de uma proposta libertadora, que nos leve a superar nossa fragilidade e debilidade, e a encontrar a vida plena. Esta tem sido, portanto, a missão de Jesus, que nos afirma a intervenção de Deus em nossa história, por sua livre iniciativa, propondo um Projeto de salvação e de Libertação que leve os homens à descoberta da verdadeira vida, ou seja, a nova vida que surge com Ele, após a sua morte. Sua presença neste mundo é, claramente, a concretização das promessas de salvação e de libertação feitas por Deus a seu povo, e uma interpelação ao homem. Com Jesus, inicia-se o processo da eliminação da opressão, da injustiça, de tudo aquilo que oprime a vida e a felicidade dos homens, daí a razão em apontar uma salvação libertadora. Sua missão teve por meta propor um mundo onde a justiça, os direitos humanos, a dignidade, a vida e a felicidade das pessoas são absolutamente respeitados.

E o Pontífice nos alerta à consciência de que a verdadeira libertação está na proposta que Deus nos apresentou em Jesus, e não nas ideologias ou no poder do dinheiro, ou no brilho de nossa posição social. A Libertação anunciada pela Igreja é decorrente do anúncio do Reino de Deus, que se irrompeu com Jesus Cristo e abarca todas as realidades humanas. Essa libertação “não pode ser limitada à simples dimensão econômica, política, social e cultural, mas deve visar o homem de forma integral”.⁵¹ Não deve tratar-se de uma libertação provisória ou de curto

singular indedutível e insuperável do chamado-oferta-exigência proclamado por e em Jesus; em última análise, não é de origem humana, mas divina e, por isso, absolutamente fidedigno que é, solicita os homens incondicionalmente. Cf. KUNG, Hans. *20 Teses sobre o ser cristão*, Petrópolis, 1979, pp. 54-55.

⁴⁹ Cf. Mc 1,14; Lc 4,18; 8,1.

⁵⁰ GANOCZY, Alexandre. “A reivindicação absoluta: Fundamentação ou impedimento para a evangelização?” In. *Evangelização no mundo de hoje*. Revista *Concilium*, nº. 134, (1978) 4, p. 30 [430].

⁵¹ O Pontífice nos exorta a considerar o caráter da libertação proveniente do anúncio de Cristo e, por conseguinte, a Salvação que esse anúncio aponta (EN, 33). Para melhor compreender essa mensagem que interpela toda a vida, o Pontífice esclarece os rumos que devem orientar a missão evangelizadora da Igreja no tocante a uma libertação integral do homem. Cf. EN nn. 30-39. Nesses números, o Pontífice afirma que a libertação anunciada pela Igreja é decorrente do anúncio do Reino de Deus, embora consciente de que não basta instaurar a libertação, criar o bem-estar e impulsionar o desenvolvimento, para afirmar que o Reino de Deus já chegou. Afinal, “toda libertação apenas temporal e política encerra em si mesma o gérmen da sua própria negação e desvia-se do ideal que se propõe. A não ser que sua motivação mais profunda seja a justiça na

prazo, mas deve orientar-se para a condição de vida daqueles que já vivem o Reino de Deus aqui e agora, aguardando sua plena libertação, em continuidade à missão iniciada por Jesus.

Logo, o artigo da *Evangelii Nuntiandi* que comentamos quer mostrar-nos que o ser humano, antropologicamente, é um ser de esperança, aberto à transcendência, e esse é o ponto-chave para todas as respostas escatológicas. Pois não há como fugir da esperança, que é parte essencial na existência humana.⁵² Logo, alerta mais ainda o Pontífice: “Por que ficar falando com seu próprio sofrimento,”⁵³ tendo por companhia “a amargura de uma sociedade inteira, deprimida e aviltada, em que os direitos do espírito são dominados pelos dos que discricionariamente lhe impõem a sorte?”⁵⁴ E logo, ainda, motiva a Igreja a agir com amor em meio a situações em que o homem moderno, com fortuita intuição quis tomar o lugar do Absoluto e do Necessário, gerando situações de opressão e escravidão em vários setores da vida humana.

5.2.2 – O anúncio definitivo da salvação

O Pontífice afirma a salvação como “núcleo e centro da Boa Nova anunciada por Cristo”, razão de ter sido revelada ao longo de toda sua vida, mas “alcançada, definitivamente, pela sua morte e ressurreição”.

A fé na ressurreição é o coroamento da história e a confirmação de que a salvação do ser humano não é uma utopia, mas uma realidade.⁵⁵ Sendo assim, ela é o “ponto central de toda a vida cristã,”⁵⁶ por isso é entendida como “ação salvífica de Deus realizada em Jesus de Nazaré.”⁵⁷ – completa Lina Boff.

caridade e o impulso que a move seja de dimensão espiritual, cuja finalidade se oriente para a plena salvação que dela decorre” (EN, 35).

⁵² BETIATO, Mário Antonio. *Escatologia Cristã*. Entre ameaças e a esperança, op. cit., p. 19.

⁵³ *Ecclesiam Suam*, 57

⁵⁴ *Ibidem*

⁵⁵ “O *homo revelatus*, Jesus mesmo, afinal emergiu. Nele se mostrou a benignidade e o amor humanitário de Deus (Tt 3,4). Por isso nele se revelou um viver que já era reconciliação com todos e com Deus. A morte não podia tragar tanta vida e tão grande amor. Sua ressurreição realizou a utopia: o homem acabou de nascer na total patência de sua realidade abscondita. Daí é que a ressurreição não deve ser interpretada como reanimação de um cadáver e uma volta à vida mortal; mas como a total e exaustiva realização das possibilidades latentes no homem, possibilidades de união íntima e hipostática com Deus, comunhão cósmica com todos os seres, superação de todos os liames e alienações que estigmatizam nossa existência terrestre no processo de gestação”. Cf. BOFF, Leonardo. *Vida Para Além da Morte*, op. cit., pp. 22-23.

⁵⁶ Cf. BOFF, Lina. “A fé na ressurreição e a crença na reencarnação”. In. FRANÇA MIRANDA, Mario de. (Org.) *A pessoa e a mensagem de Jesus*, São Paulo, 2002. pp. 125-126.

⁵⁷ *Ibidem*.

Podemos perceber, portanto, que a ressurreição de Jesus é paradigma da ressurreição universal, isto é, de todas as criaturas, numa comunhão definitiva com Deus. Portanto, essa primícia de nossa ressurreição nos dá um impulso decisivo à esperança no futuro.

Entretanto, a ressurreição de Jesus chegou para nós em consequência de sua paixão e morte, devido a um apostolado de cura, de consolação e de encorajamento para com todos aqueles que padeciam necessidades: “Venham para mim todos vocês que estão cansados de carregar o peso de seu fardo, e eu lhes darei descanso” (Mt 11,28). Sua morte, portanto, é resultado da culminância dos fatos históricos vividos por ele durante sua pregação e vida pública, o que apontava para um fim trágico de sua vida.⁵⁸

Assim, por um ministério de serviço e em obediência ao Pai, Jesus realizou a Redenção⁵⁹, dando-nos uma nova vida, anunciando, portanto, a salvação – esse grande dom de Deus, que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem.

A Ressurreição de Jesus revela o que antes era mistério escondido, e hoje é mistério revelado, para ser proclamado e a ser realizado em todos os corações. Nisso, a Igreja é lugar no qual e mediante o qual o mistério se entende em benefício de cada ser humano e se abre aos confins do mundo. Seu escopo é a recapitulação de tudo em Cristo (Ef 1, 10), com plena e definitiva redenção da humanidade, do cosmo e de sua entrega ao Pai no Espírito (1Cor 15, 24-28).

Em virtude desse mistério revelado, o sentido da vida se abriu à pessoa humana, e o que antes era promessa se tornou realidade. “Assim, afirma a intenção de Jesus com sua morte, que era realmente trazer a irrupção do Reino de Deus,”⁶⁰ o que dá ao homem a esperança de alcançar a finalidade de sua vida, podendo, no “hoje” da história, já viver empenhado e em vista de sua realização no “amanhã”. Para tanto, juntamente com o homem, o mundo também ganha a esperança da salvação, pois sua salvação avança pela história, até que um dia tudo seja Graça, e “Deus será tudo em todos” (1Cor 15,28).

Contudo, essa finalidade é também trabalho do homem, que é histórico e temporal como o mundo e que, passo a passo, na medida em que constrói o Reino,

⁵⁸ Cf. BOFF, Lina. “A dimensão escatológica da Eucaristia”. In. COSTA, Paulo César. (Org.). *Sacramentos e evangelização*, São Paulo, 2004, p. 165.

⁵⁹ Cf. LG, n. 3.

⁶⁰ Cf. BOFF, Lina. “A dimensão escatológica da Eucaristia”, loc cit., p. 165.

realizará também a finalidade do mundo, buscando transformá-lo num paraíso, como sonhou Deus para nós, quando “viu que o mundo era bom”.⁶¹

O Reino de Deus em construção na história humana é a felicidade do homem consciente de sua finalidade de vida, que vive cada momento dessa construção na história de cada dia, a certeza da felicidade querida por Deus, “em ver seu Povo feliz no mundo e para além dele”.⁶²

A Ressurreição do Senhor, portanto, confirma aquilo que foi pedido pouco antes de sua paixão e morte: “Todas as vezes, pois, que comeis deste pão e bebeis deste vinho, anunciais a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Cor 11, 26).⁶³ É o que cada cristão e cristã experimenta ao participar, ativa e conscientemente, na celebração do Memorial da Eucaristia.

Portanto, a salvação definitivamente foi proclamada, e o desejo de vida plena para o homem é afirmado, com a presença da realidade eterna e absoluta do Ressuscitado. Isso confirma, por sua vez, o que o Papa Paulo VI enunciou:

Tudo isso começa durante a vida do mesmo Cristo e é definitivamente alcançado pela sua morte e ressurreição, mas deve ser perseguido, pacientemente, no decorrer da história, para vir a ser plenamente realizado no dia da última vinda de Cristo, que ninguém, a não ser o Pai, sabe quando acontecerá.⁶⁴

É salvação que começou com a vida toda de Cristo e completou a partir da sua morte e realizou na Ressurreição.⁶⁵ Logo, a *Evangelii Nuntiandi* nos ajuda a clarear, com o mistério da Ressurreição do Senhor, as dimensões da salvação: a dimensão histórica e a dimensão escatológica, isto é, “o aqui” e “o depois daqui”.

Concluindo

Podemos afirmar, portanto, que Jesus Cristo é a palavra definitiva de Deus aos seres humanos e ao universo. Por causa dele podemos ter esperança no futuro: esperança que vence o medo e incentiva a agir para transformar este mundo. A vida de Jesus mostra que Deus estava envolvido com ele, sustentando sua missão. Também Deus se envolve conosco, com nossa história, com esta terra. A

⁶¹ Cf. Gn 1-2,4a. O texto é referente à narrativa bíblica da criação.

⁶² BETIATO, Mário Antonio. *Escatologia Cristã*. Entre ameaças e a esperança. op cit., p. 39.

⁶³ Cf. BOFF, Lina. “A dimensão escatológica da Eucaristia”, art. cit., p. 169.

⁶⁴ Cf. EN, 9

⁶⁵ Ibidem

Ressurreição de Cristo, que mostra esse envolvimento salvífico, é luz para também mostrar o sentido da vida humana, e aponta a meta para a qual caminhamos juntamente com o mundo.

A crença na vida eterna fundamenta a aceitação desta vida e faz com que as pessoas se envolvam irrestritamente com ela como um todo. Aquilo que é esperado como ressurreição dos mortos chama-se, aqui, vida vivida no amor. A esperança da ressurreição torna as pessoas dispostas a viverem integralmente suas vidas no amor e a valorizarem este mundo, assim como Jesus o fez, ensinando a transformá-lo. É a partir dessa perspectiva que nossa esperança tem fundamento sólido. De fato, o Deus revelado em Cristo é o penhor de nossa esperança escatológica.

Deus, portanto, é fiel a seu projeto de vida para o ser humano e para o mundo, e isso é o que constitui o fundamento bíblico da fé e da esperança, na plenitude de vida no futuro; o que não pode terminar na morte definitiva. Logo, o Deus da vida é sempre fiel ao dom da vida. Assim, Jesus Cristo é “primícia” dos que ressuscitam para a plenitude de vida (Cf. 1Cor 15,20). Essa fidelidade do amor total do Deus da vida faz com que possamos superar o medo do futuro, que tem sido visto como incerto e ameaçador. Faz-nos olhar para o futuro com firme esperança.

Assim, com a redenção e salvação do Senhor, rompe-se com uma história sustentada pelo medo e pela intimidação injusta da liberdade humana, sobretudo dos mais simples. A morte de Jesus vai desfazer os becos sem saída da vida do homem, revelando um Deus que ama incondicionalmente seus filhos, que mostra sua justiça sustentada nesse amor-doação e serviço, para que o homem, libertando seu desejo, assuma a nova vida apresentada na de Jesus.⁶⁶

Cristo, portanto, rompendo a morte, abre caminhos para que o homem busque se libertar de seus condicionamentos, e opte pela justiça do Reino, que aponta o futuro como uma possibilidade exclusiva de Deus;⁶⁷ e critica todas as orientações e projetos de vida que não procedem da prioridade do futuro de Deus para os homens.

⁶⁶ Cf. VARONE, François. *Esse Deus que dizem amar o sofrimento*, Aparecida, 2001, pp. 263ss.

⁶⁷ Cf. SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesús: La historia de un viviente*, Madrid, 1983, pp. 127 ss.

5.3 – Uma salvação transcendente e escatológica

Notamos, com nitidez, que a *Evangelii Nuntiandi* não trata de uma escatologia pós-morte, apenas finalista, ou seja, das categorias próprias dos *novíssimos*: Inferno, Purgatório, Céu etc. Mas dá margem a uma reflexão mais clara acerca delas, tendo como orientação a salvação oferecida por Cristo a partir de toda a sua vida e, por conseguinte, por sua morte e ressurreição. Isso afirma que a salvação já se dá na História, na medida em que o homem vai-se abrindo à esperança da vida futura, num contínuo processo de conversão para Cristo e numa constante construção do Reino de Deus, o que já se inicia neste mundo e nesta vida, em vista de sua realização plena.

Queremos, agora, melhor refletir sobre esta afirmação do Papa Paulo VI, em sua Exortação Apostólica, embora já a tenhamos referido acima, ao apontar as dimensões da salvação: a dimensão histórica e a dimensão escatológica, isto é, “o já” e “o ainda não”. Na verdade, quis o Sínodo e o Papa Paulo VI, certamente, tratar de uma “salvação integral”⁶⁸; basta notar como a apresenta o Pontífice:

Em Jesus Cristo, Filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, a salvação é oferecida a todos os homens, como dom da graça e da misericórdia do mesmo Deus. E não já uma salvação imanente ao mundo, limitada às necessidades materiais ou mesmo espirituais, e que se exaurisse no âmbito da existência temporal e se identificasse, em última análise, com as aspirações, com as esperanças, com as diligências e com os combates temporais; mas, sim, uma salvação que ultrapassa todos esses limites, para vir a ter a sua plena realização numa comunhão com o único Absoluto, que é o de Deus: **salvação transcendente e escatológica, que já tem certamente o seu começo nesta vida, mas que terá realização completa na eternidade.** (EN, 27)

Como vemos acima, existe uma preocupação por parte do Pontífice com a salvação vista de forma temporal, isto é, no mundo ou na história. Porém, ela não teria sentido sozinha, pois seria limitada e reduzida às necessidades do próprio ser humano.⁶⁹

⁶⁸ “Jesus, ao mesmo tempo, ensina que Deus, com seu Reino, oferece o dom da salvação integral, liberta do pecado, introduz na comunhão com o Pai, concede a filiação divina e promete a vida eterna, vencendo a morte. Essa salvação integral é ao mesmo tempo imanente e escatológica, já que tem certamente seu começo nesta vida, mas que terá realização completa na eternidade”. Cf. DIRETÓRIO GERAL PARA A CATEQUESE, n.º. 102, São Paulo, 1998. Cf. Ainda a EN, 9.27.

⁶⁹ Como se tem apresentado, com as ideologias do progresso, de forma egoísta, individualista, buscando tirar proveito das coisas e das pessoas em benefício de si mesmo, trata-se do resultado de um progresso humano sem Deus.

Do mesmo modo, se o discurso sobre a salvação parasse na dimensão espiritual, ele seria reducionista. Mas deve continuar até o discurso da salvação temporal, ou seja, até a promoção humana, que é “parte integrante” do anúncio, como tem sido ao longo de toda a missão de Cristo. Deve, portanto, haver proporção no plano prático, pois a mensagem da salvação “interpela a vida toda”, como também o lembra o próprio Papa Paulo VI:

Mas a evangelização não ficaria completa se não levasse em conta o apelo que sempre fazem uma à outra, tanto o evangelho como a vida concreta pessoal e social da pessoa. Por essa razão, a evangelização envolve uma mensagem explícita, adequada às várias situações, sempre atualizada, sobre os direitos e deveres de cada pessoa humana, sobre a vida familiar, sem a qual o desenvolvimento pessoal dificilmente será possível, sobre a vida internacional, a paz, a justiça, o desenvolvimento; uma mensagem, hoje, particularmente vigorosa, sobre a libertação.⁷⁰

Na *Evangelii Nuntiandi*, o Papa Paulo VI repete com vigor essa mesma afirmação ao escrever:

E não apenas uma salvação imanente [...], mas também uma Salvação que ultrapassa todos esses limites para se concretizar na comunhão com o único Absoluto, ou seja, o de Deus: **uma Salvação transcendente e escatológica, que certamente começa já nesta vida mas se consuma na eternidade.**⁷¹

Notamos, daí, a preocupação do Sínodo dos Bispos ao confirmar a escatologia cristã, que diz ter Cristo vindo para salvar o homem todo, na totalidade de seu ser (alma e corpo), de suas dimensões (temporal e espiritual, terrena e imortal) e de suas relações (com Deus, consigo próprio e com o mundo): o homem todo, os homens todos, e toda a sua história. O ponto de partida para o anúncio, e que é o ponto mais alto desse dom que nos apresenta, é a dimensão espiritual da Salvação, mas nunca separada, menos ainda em contraste, em relação à dimensão temporal ou histórica. Há ligações profundas entre ambas essas dimensões; aliás, partilhamos e comungamos dessa maneira de definir a salvação integral, quando a correspondemos aos antecedentes antropológicos da Criação, em que criação e salvação constituem uma unidade inseparável. Pois tudo foi criado por Cristo, com Cristo e em Cristo; e, assim, vemos o mundo “à luz da

⁷⁰ Cf. EN, 29

⁷¹ Cf. EN, 27.

Ressurreição de Cristo, a de crer no poder da Nova Criação,”⁷² isto é, de sua plena realização.

Logo, sendo Jesus Cristo o Alfa e o Ômega, as duas grandes formas de causalidade se fundem: a eficiente e a final. Logo, também, a criação e a salvação, portanto, na luz do Cristo Ressuscitado, revela Jesus, o Verbo Encarnado. Enfim, podemos afirmar que Deus, vindo à nossa condição humana, “afirma a divindade presente na humanidade.”⁷³ Portanto, o ato criador de Deus é primeiro passo de sua História de Salvação. Deus, criando livremente, aponta seu propósito salvífico que se dá em Jesus Cristo. Nele, o propósito divino se revela plenamente, com definitiva segurança. Nele, o amor de Deus se revela em sua própria carne e, em sua própria carne, vemos um Deus que se submete à mesma e idêntica limitação e fraqueza, para resgatar a humanidade toda em seu infinito amor.⁷⁴

5.3.1 – Salvação do transcendente ao histórico, ou seja, de Deus ao homem

Desde toda a criação, fomos chamados a existir para a glória de Deus; o que quer dizer que, desde a criação inicial, fomos como criaturas, chamados à comunhão com o Divino Criador, para viver como Ele, como parceiros na criação e corresponsáveis na obra criadora. E Deus jamais se afastou de seu propósito nem mesmo de suas criaturas. Afinal, este sempre tem sido seu propósito – “de fazer com que toda a criação participe de sua vida divina como relação de amor com os seres por Ele plasmados para sua glória”, completa a teóloga Lina Boff, com base nos profetas e ao longo da história salvífica do Povo de Deus.⁷⁵

⁷² Cf. BOFF, Lina. “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante”. Art.cit., p. 19.

⁷³ Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. *Recuperar a criação*. Por uma religião mais humanizante, São Paulo, 1999, p. 167.

⁷⁴ Ibidem, p. 123.

⁷⁵ Cf. BOFF, Lina. “Da Protologia à Escatologia”. In: MULLER, Ivo ofm. (org.). *Perspectivas para uma nova teologia da criação*, Petrópolis, 2003, p. 111. A autora, partindo da articulação do propósito de amor do Divino Criador, que, ao chamar todos os seres à existência, imprime em cada criatura o seu amor, que lhes é próprio, ao plasmar toda a criação “que, dinamicamente, não se esgota; pois é um ato de amor eterno e sempre originário na sua manifestação e na sua revelação para cada ser e para toda a criação”. Desse modo, coloca a criação e a escatologia num mesmo horizonte de reflexão teológica. Daí, a razão de a criação estar predestinada à integração num único projeto de Deus; o que se esclarece em Jesus Cristo, que, vivendo na história humana, aponta a nova vida por vir e, ressuscitando, revela a nova criação, vida plena e eterna.

A partir daí, podemos reiterar dizendo que a finalidade da criação, ou seja, sua realidade última, a escatologia, já se mostra ou se revela, na criação inicial, ou seja, na protologia.⁷⁶

Existe, portanto, uma continuidade entre criação e salvação mediada pela história e pelo Espírito de Deus, o que leva o ser humano a compreender a ação amorosa de Deus ao nos criar para a realização de uma vida plenamente feliz com a criação inteira.⁷⁷

Ao longo dos textos vétero-testamentários, é possível que notemos que Deus coloca essa percepção contínua de seu propósito de vida plena, como esperança no coração de seu povo, que peregrina em busca desse destino. Os profetas souberam captar “a voz de Deus” em meio ao clamor dos pobres, que procurando sustentar essa esperança, vislumbraram um novo horizonte de vida, cujos sinais apontavam para sua plena realização.

Assim, podemos afirmar, juntamente com Lina Boff, que “a esperança anunciada antes aos pobres, agora se realiza em Jesus, que anuncia uma nova aliança, que é o Reino, a nova criação”.⁷⁸

Desse modo, a salvação, de Deus ao homem – que aqui mencionamos –, não se trata de uma salvação que “cai do céu” ou “do além para o aquém”, mas corresponde a um propósito de Deus, a uma realidade da criação inicial e que só se torna claramente visível e perceptível à pessoa humana que se abre e acolhe a revelação desse mistério salvífico em Jesus Cristo. “Ele plenifica o propósito salvífico de Deus, já na história, no compromisso de engajamento na luta pela justiça e por uma sociedade igualitária, de pessoas irmanadas pela mesma fé e pelo mesmo chamado.”⁷⁹ Enfim, Jesus realiza a esperança do ser humano, traz à tona uma realidade que lhe é própria, e que se faz temporal ao homem. Limitado em seu próprio pecado, ele não consegue perceber sozinho a novidade de vida trazida por Jesus e que já é realidade no meio de nós, embora não ainda plenamente. Mas já é Salvação; embora espiritual, isto é, de Deus para nós, humanos, e para a criação inteira.

A salvação, portanto, é núcleo central da Boa Nova anunciada por Jesus. De fato, é à luz da salvação cristã que entendemos por que fomos criados, porque

⁷⁶ Cf. BOFF, Lina. “Da Protologia à Escatologia”, art. cit., p. 112

⁷⁷ Ibidem

⁷⁸ Ibidem, p. 115.

⁷⁹ Cf. BOFF, Lina. “Da Protologia à Escatologia”, op. Cit., p. 116.

Deus entrou em nossa história, por que temos esperança de uma eternidade feliz, como palavra definitiva no fim de nossa caminhada neste mundo.⁸⁰

Como se evidencia na proclamação do Papa Paulo VI, trata-se de uma salvação que já se revela na história humana com as ações de Cristo. Por isso, refere-se a uma salvação escatológica, pois já se revela provisoriamente na história humana até que se dê por realizada na eternidade. Portanto, não se trata de uma Salvação construída pela ação do homem, mas que já pode ser encontrada, pois é à pessoa humana que ela é endereçada, e a ela foi revelada.

Isso implica dizer que “não só a salvação vem de Outro que não o homem, mas que ela transcende o homem e seu mundo, sendo de outra ordem.”⁸¹ Uma salvação que consistisse somente na potencialização ou na maximalização das virtualidades humanas, seria de tipo homogêneo, a medida do homem, e não seria cristã.

Isso tem sido a pedagogia da *Evangelii Nuntiandi*, quando reflete a escatologia a partir de Jesus Cristo e do Reino por ele anunciado, da sua paixão, morte e ressurreição, que ora concebemos como processo escatológico, que decorreu no passado e desenvolve na história humana até sua plenificação ou eternidade.

Daí, então, o homem ser interpelado na sua existência verdadeira, para buscar realizá-la em vista à plenitude apresentada em Jesus.⁸² O acolhimento dessa interpelação deve estruturar todas as dimensões da pessoa, a responder ao gesto gratuito de Deus e assumir o sentido último de sua existência.

Por fim, em Jesus, Deus “reconciliou o mundo consigo”, com seu julgamento, revelado por aquilo que ele é – Justiça; por aquilo que ele quer – o homem ressuscitado, com o desejo realizado na glória de Deus; e pelo caminho que ele utiliza – o desejo humano em devir através da condição humana.

Portanto, Jesus Cristo, ao apresentar-se-nos, trouxe uma nova criação, não só para libertar do pecado e da morte toda a humanidade e a criação, mas libertar das amarras desse mal, a própria matéria e todo o cosmos.⁸³

⁸⁰ Cf. FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Salvação de Jesus Cristo*, op. cit., p. 14.

⁸¹ Idem. *Um homem perplexo: O cristão na atual sociedade*. São Paulo, 1996, pp. 49-50.

⁸² Idem. *A Salvação de Jesus Cristo*, op. cit., p. 16.

⁸³ Cf. BOFF, Lina. “Da Protologia à Escatologia”. In MULLER, Ivo ofm. (org.). *Perspectivas para uma nova teologia da criação*, art. cit., p. 121.

Assim sendo, Cristo continua a chegar-se a cada um de nós pela força do Espírito Santo, ao tomarmos consciência desta presença transcendente que nos envolve. Mesmo que ainda vivamos na tensão escatológica, gemendo e sofrendo nossas dores, aguardamos a libertação plena, embora ela já nos anime e fortaleça. Afinal, não se trata de Deus romper a autonomia da própria condição humana, como numa intervenção externa ou num milagre fabuloso para se manifestá-lo. Mas essa presença divina sempre esteve e está conosco, sustentando, promovendo e iluminando a vida em cada uma de suas criaturas e na subjetividade de cada pessoa. Por isso, Deus nos busca e descobre, pois essa revelação consiste em “aperceber-se” do Deus que, como origem fundante, está “já dentro, habitando nosso ser e procurando manifestar a nós”, como experimentou o Bispo de Hipona, que o buscava distante e fora do mundo, até percebê-lo dentro da História e em sua própria vida.⁸⁴

Concluindo

Pode-se notar, ao longo da reflexão que realizamos, que o centro da mensagem anunciada por Jesus Cristo se refere à salvação. E o Papa Paulo VI nos leva a refleti-la para percebê-la se revelando já na História, e de modo escatológico, enquanto se espera sua realização definitiva na eternidade.

Trata-se de uma salvação escatológica, pois esta, ao se revelar em Jesus, faz-nos considerá-la como decorrente de um ato, já preparado por Deus desde o início de nossa existência e de toda a criação. Pois em Jesus se revela o amor que Deus derramou em seu ato criador e que foi impresso em cada criatura, sobretudo o ser humano.

Desse modo, a pessoa que se descobre amada por Deus, e livremente, em sua profundidade também se descobre portadora desse amor, vê-se comprometida e adere também ao grande projeto de Deus, revelado na missão profética de Jesus.

Assim, no ser humano se encontra em gérmen a vida plena e definitiva que se revela para nós como salvação, dom de Deus para nós revelado em todo o evento Jesus Cristo, como expressão e realização do amor e da entrega do próprio

⁸⁴ Cf. SANTO AGOSTINHO DE HIPONA. *De Vera Religione*, nn. 39 e 72. Citado pelo Papa Bento XVI, em suas intervenções em audiências dedicadas a Santo Agostinho de Hipona com o tema: “Bento XVI, Fé e razão em Santo Agostinho de Hipona”, 30 de janeiro de 2008. Disponível em: <<http://www.zenit.org/article-17431?l=portuguese>>. Acessado em 12 de fevereiro de 2009.

Deus ao homem. O que não é somente recompensa de nossa conversão para uma nova vida, mas, realidade provisória, no interior da história da humanidade e da existência de cada indivíduo.

Essa salvação é vista agora pela criatura humana, não distante, mas unida em tensão escatológica à realidade histórica. Pois a pessoa, ainda que efêmera e limitada, aguardando sua total libertação, é levada a ter maior vigor e disposição de espírito para o cumprimento das tarefas diárias, fortalecendo-a com novos motivos para suas realizações.

Em outras palavras, só Deus, em sua autocomunicação orientada para o homem, pode ser sua plena salvação – o que se torna realidade para o homem, na medida em que essa salvação é acolhida por ele na liberdade. Por isso, a salvação é Dom de Deus e resposta do homem. Essa liberdade acolhedora da salvação de Deus se expressa no comprometimento do homem pela causa da vida e do amor fraterno.

5.4 – Jesus Cristo é testemunho dado do amor do Pai

Nosso Deus já se tinha manifestado de muitas maneiras, antes de Jesus de Nazaré, através dos profetas e de toda a história do povo escolhido de Israel. Contudo, a manifestação mais perfeita e completa se deu com Jesus, o próprio Filho de Deus, que se fez presente na História, assumindo a realidade humana e testemunhando os feitos de Deus Pai, na unidade do Espírito Santo.

A Exortação Apostólica do Papa Paulo VI, no parágrafo que destacamos, direciona-nos para a verdade dogmática dessa autocomunicação de Deus revelada em Jesus Cristo, que é norma e princípio de toda a reflexão teológica – resposta dada pelo Papa às questões levantadas pela crítica moderna, que colocava em dúvida as verdades acerca da revelação de Deus na História.

Essas proposições destacadas ao mesmo tempo afirmam a doutrina sobre Deus, no discurso sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que “tematiza o objetivo final de nossa esperança, que é a comunidade da plenitude de Vida incomensurável de Deus”.⁸⁵

⁸⁵ Cf. SCHNEIDER, Theodor. “Prefácio”. In: SCHNEIDER, Theodor (org). *Manual de Dogmática*, Vol. I, Petrópolis, 2002, p. 7.

Não é supérfluo, talvez, recordar o seguinte: evangelizar é, em primeiro lugar, dar testemunho, de maneira simples e direta, de Deus revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo. **Dar testemunho de que no seu Filho ele amou o mundo; de que no seu Verbo Encarnado ele deu o ser a todas as coisas e chamou os homens para a vida eterna.** Essa atestação de Deus proporcionará, para muitos talvez, o Deus desconhecido, que eles adoram sem lhe dar um nome, ou que eles procuram, por força de um apelo secreto do coração, quando fazem a experiência da vacuidade de todos os ídolos. Mas ela é plenamente evangelizadora, ao manifestar que, para o homem, o Criador já não é uma potência anônima e longínqua: ele é Pai. Vede que prova de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos; e, portanto, nós somos irmãos uns dos outros em Deus. (EN, 26)

Mais uma vez, vemos a preocupação do Papa Paulo VI em ressaltar o valor do testemunho do Cristão no mundo atual, o que é lembrado pelo Pontífice – “evangelizar é [...] dar testemunho de Deus [...], revelado por Jesus Cristo, no Espírito Santo. Dar testemunho de que no seu Filho, Deus amou o mundo; de que no seu Verbo Encarnado ele deu o ser a toda as coisas e chamou os homens para a vida eterna”.

O artigo em estudo nos leva a considerar a razão da autocomunicação de Deus para a humanidade, o que é, acima de tudo, tornar conhecida a realidade eterna, própria de Deus. Essa revelação nos é oferecida ao longo de toda a vida de Jesus Cristo, mas esclarecida somente a partir de sua morte e no mistério de sua ressurreição. É revelada cotidianamente a nós, porém, impressa em nossos sentidos, necessita ser constantemente discernida. Trata-se do testemunho de Deus dado por Jesus Cristo, que revelou para nós o Amor Eterno. E esse amor se mostrou no exercício ministerial de Jesus, numa entrega, total e livre, às necessidades e anseios do homem, num único e fundamental objetivo: mostrar à humanidade a presença eterna, em seu interior humano, para que assim possa recuperar “a força, a energia e disposição” para mais amar e servir em vista ao Reino Definitivo.⁸⁶

Para uma melhor compreensão das palavras do Pontífice nesse parágrafo do artigo extraído de sua Exortação Apostólica, ressaltaremos, nos itens que seguem, os dados referentes à revelação de Deus nas proposições que destacamos. Afinal, foi da própria vontade de Deus que participássemos de sua vida, como informa o segundo sucessor do Papa Paulo VI.⁸⁷

⁸⁶ EN, 4

⁸⁷ O Papa João Paulo II, em uma de suas audiências, informou à Igreja que: “a história da salvação é a progressiva autocomunicação de Deus à humanidade, que alcança seu ápice em Jesus Cristo. Deus-Pai, no Verbo feito Homem, quer participar a todos Sua mesma vida. Por isso, o sentido

Desse modo, as proposições em destaque levam-nos a apontar o valor fundamental dessa revelação divina na realidade humana assumida em Jesus de Nazaré.

5.4.1 – A eternidade divina revelada na humanidade de Jesus de Nazaré

Vimos anteriormente que a salvação, na fé cristã, possui a dimensão do além e também a dimensão histórica, e que ambas devem estar integradas para sobressair como resposta dessa interação. Trata-se, por um lado, do desejo de Deus revelado em Cristo, ou seja, a comunicação por meio do Amor, da Vida Eterna, realidade definitiva e última para o homem e o mundo. Por outro lado, trata-se da maneira humana e consciente em acolher e reconhecer essa graça salvífica que desde sempre está presente em toda a criação.

Nesse sentido, a reflexão das proposições em destaque deste artigo da Exortação do Papa Paulo VI, desejando que o homem se abra à salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo, busca explicitar a experiência de eternidade que chega até nós. Desse modo, poderemos melhor apontar a intenção do Papa Paulo VI em sua Exortação, quando se refere à comunhão da salvação escatológica com a história humana, quando restaura a dignidade do homem e do mundo, dando sentido a todas as coisas e chamando os homens à Vida Eterna.

5.4.1.1 – No seu Verbo Encarnado, Deus amou o mundo.

Ao considerarmos a revelação de Deus nos acontecimentos e na história toda de Israel, notamos um Deus Salvador-Libertador na fé central do povo israelita e que mais tarde foi relacionado à fé na criação do universo e de toda a humanidade.⁸⁸ Embora a fé no Deus Criador seja mais antiga, é a fé no Deus

mais profundo da vocação do homem consiste na sua doação a Deus, com todo o seu ser”. E corroborando o Concílio Vaticano II, completou que Deus espera do homem, não obstante os tempos em que vivemos, “o dom sincero de si” (GS, 24). Cf. JOÃO PAULO II. Audiência de 26 de agosto de 1998, Disponível em: www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/audiences/1998/documents/hfjp_ii_aud26081998pottml. Acessado em 04 de março de 2009.

⁸⁸ Cf. GARCIA RÚBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, op. cit., pp. 144-174.

Salvador-Libertador que se evidenciará em função da fé no Deus que atua como Salvador nos acontecimentos do povo.⁸⁹

É nessas intervenções manifestativas de Deus na história de seu povo que, de forma embrionária ressaltará a proclamação da fé no Deus Criador; sobretudo em tempos em que o povo israelita se encontrava em Canaã, em regime tribal e sofrendo as infiltrações da fé Cananéia, que foram assimiladas na fé javista.⁹⁰ Daí em diante, Javé passou a ser cultuado como Senhor dos Céus e da Terra, criador de todas as coisas. Por conseguinte, a criação (do mundo e do ser humano) será vista como fundamento e origem da história da salvação. Logo, o Deus que cria é o Deus que salva; e o mundo é o lugar-espço de sua ação salvífica.

Contudo, é com o Novo Testamento que podemos afirmar que a criação não é fruto do acaso, mas de um propósito pensado e concebido no amor em vista da humanidade e de todo o cosmos (Cf. Rm 16, 25-27).

É notória que a intenção do Papa Paulo VI é afirmar o valor da ação salvífica de Deus no mundo. Mas, para isso, preocupa-se também em trazer à tona as preocupações do Sínodo de 74, em torno da doutrina sobre Deus e sua revelação, em meio a um mundo secularizado⁹¹, em que o homem sente a necessidade de se afirmar por si mesmo na história, fazer a própria história, empenhar-se na construção do mundo do trabalho para sua sobrevivência. Enfim, viver de tal maneira com os olhos voltados para a Terra, quase a não lhe sobrar tempo e espaço para dar lugar, em seu pensamento e em sua vida, ao mistério mais profundo de sua realidade existencial, que é Deus. Diante dessa mesma preocupação, cresce-se, a explosão da informação científica e a redescoberta dos valores humanos, psicológicos, éticos e sociais; a proposta de doutrinas do tipo materialista ou racionalista, niilista ou ateuista, que invadiram o pensamento humano nos dois últimos séculos.⁹²

Por outro lado, cabe ressaltar a própria Igreja inserida no Mundo Contemporâneo, e que deve estar consciente em dilatar o Reino de Deus na

⁸⁹ Cf. GARCIA RÚBIO, Alfonso. *Unidade na Pluralidade: O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs*, op. cit., p. 145.

⁹⁰ Ibidem, p. 147.

⁹¹ Esta tem sido uma das grandes orientações que eram expressão de experiências vividas e também o resultado do amadurecimento da reflexão teológica nas diversas Igrejas ao longo do Sínodo. Cf. VV.AA. *O Sínodo de 1974: A evangelização no mundo de hoje, reflexões teológico-pastorais*. Ed. 3, São Paulo, 1975, p. 6.

⁹² Cf. OLIVEIRA, Pedro Rubens F. de – PAUL, Claudio. *Karl Rahner em perspectiva*. São Paulo: Loyola, 2004, p. 27.

história e assumir suas consequências ético-proféticas da encarnação do Filho de Deus na natureza humana.⁹³ Daí, o dever em preocupar-se para libertar o homem de todo o mal, de todo o pecado, de toda a injustiça e de toda a opressão.⁹⁴

O Papa Paulo VI, ao ressaltar que “Deus é testemunhado em Jesus, seu Verbo Encarnado”, quis apontar o valor intrínseco dessa ação divina que resgata a condição própria do mundo e do ser humano. Assim, tendo diante de si Jesus Cristo, a primazia do ser Imagem e colaborador do Deus Criador na plenificação de seu propósito salvífico para a vida do homem e do mundo⁹⁵; o ser humano é chamado à corresponsabilidade pelo mundo criado. Em Jesus, imagem de Deus por excelência, o ser humano é recuperado em sua vocação escatológica à luz da imagem de Deus, numa perspectiva histórico-salvífica, quando recebe a capacidade para viver a nova existência em plenitude, caracterizada pelo amor.⁹⁶ Dada a universalidade da redenção de Cristo, todo ser humano recebe a possibilidade de associar-se à eficácia do seu mistério pascal.⁹⁷

Portanto, na função mediadora de Jesus na criação, o mundo e o ser humano são orientados para a vida em plenitude, voltada a uma Nova Criação, fruto do amor do Pai, mediante o Filho e na força do Espírito Santo. Em Jesus Cristo, Verbo Encarnado, Deus conduz o mundo e o ser humano a seu mais profundo sentido e aponta para a consumação e recapitulação finais.⁹⁸ Em Jesus, mostra-se ao homem a nova criatura que amadurece na articulação vivida entre o “já da salvação realizada” e o “ainda não da plenitude ativamente esperada.”⁹⁹

Portanto, podemos afirmar, a partir do Papa Paulo VI, que “Deus, em seu Verbo Encarnado, amou o mundo.”¹⁰⁰ Isso quer dizer que, por sua Graça no mistério da encarnação, na vida toda de Jesus até sua morte e ressurreição, Ele “comunica-se pessoalmente acerca de si mesmo, e livremente a toda humanidade

⁹³ Entende-se, aqui, o comportamento ético-profético da fé, na linha da práxis da justiça e da caridade com os homens e mulheres; o que legitima a ação da Igreja na prática da promoção da justiça. Cf. EN, 31.

⁹⁴ Cf. GS, 40-43; e ainda: CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO AMERICANO, *Puebla*: a evangelização no presente e no futuro da América Latina, n. 83ss, e em especial o n.º 90.

⁹⁵ Cf. BOFF, Lina. “Da protologia à escatologia”, art. cit., p. 116.

⁹⁶ Cf. GS, 22.

⁹⁷ Ibidem.

⁹⁸ Cf. GARCIA RÚBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade*, op.cit., p. 278.

⁹⁹ Cf. GARCIA RÚBIO, Alfonso. *Unidade na pluralidade*, op.cit., p. 278.

¹⁰⁰ EN, 26.

em razão da sua vontade salvífica universal.”¹⁰¹ Unindo-se à humanidade, Deus, ao mesmo tempo, une-se a toda a criação, a todo o universo; oferece, gratuitamente, do seu íntimo, o mistério do seu amor, e, de antemão, “quer que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade.” (1Tm 2,4)

Como vimos, a *Evangelii Nuntiandi* assumirá esse otimismo, reconhecido na presença salvífica de Deus no mundo, nos diversos “extratos da humanidade que se transformam.”¹⁰²

Em outras palavras, podemos ainda completar que, pela encarnação do Verbo Divino, ao assumir nossa humanidade e nossa história, fazemo-las sacramento de salvação, manifestação de Deus, em que todas as coisas encontram seu sentido.

5.4.1.2 – No seu Verbo Encarnado, Deus dá o ser a todas as coisas

As afirmações do Concílio Vaticano II, em dois momentos, adiantavam essa proposição de nosso Pontífice e dos bispos reunidos no Sínodo de 1974, quando, na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* e na Declaração sobre as Relações da Igreja com as Religiões Não-Cristãs *Nostra Aetate*, tematizou acerca de Deus como resposta às indagações mais profundas do ser humano. A Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* afirma que a dignidade do ser humano se constitui justamente em sua vocação para a comunhão com Deus.¹⁰³ Deus é, aqui, a garantia última e propriamente dita do cumprimento do mais profundo anseio humano por fidelidade, bondade e vida. Esse anseio revelado na humanidade do Filho de Deus, foi confirmado pelas comunidades primitivas, quando a fé cristã proclama que “o Verbo que estava no início voltado para Deus” (Jo 1,2) é o mesmo “que se fez carne” (Jo 1,14). Em Jesus, “o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mt 16,16), “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Cl 2,9). Ele é o “Deus Filho único, que está no seio do Pai.” (Jo 1,18)

Essa proposição do Papa Paulo VI de que Deus “...no seu Verbo Encarnado deu o ser a todas as coisas”, em sintonia com o Concílio Vaticano II, afirma-nos que só Deus pode dar uma resposta plena e totalmente certa às questões que

¹⁰¹ Cf. OLIVEIRA, Pedro Rubens F. de – PAUL, Claudio. *Karl Rahner em perspectiva*, op.cit., p. 35.

¹⁰² EN, 19.

¹⁰³ GS, 19

fundamentam a esperança humana, sobretudo em meio às ameaças da vida, como se vê, com frequência, em nossos dias.

Outro momento é afirmado com a Declaração sobre a Relação da Igreja com as Religiões Não Cristãs, “*Nostra Aetate*”. Nela, o Concílio Vaticano II reafirmou a razão de todo ser humano num único fim comum, que é Deus.¹⁰⁴

Com base na teologia de Santo Tomás de Aquino, o Papa Paulo VI estabelece, a partir da revelação de Jesus, a relação inicial entre Criador e criatura, segundo a qual Deus manifesta-se, como Ser de liberdade suprema, sem cuja existência nenhum ser existiria, haveria apenas o nada; e que concebeu a existência e subsistência a todo ser contingente, que é mantido na existência por Ele. Deus, portanto, não só cria do nada, mas também preserva e governa toda a criação. Assim, de maneira providente, o próprio Deus coloca a Si mesmo como alvo de sua criação; revelando-se em Cristo, aponta o sentido e a finalidade de vida a todas as coisas.¹⁰⁵

O Pontífice, juntamente com os bispos reunidos no Sínodo de 1974, buscou confirmar essa evangelização assumida por Jesus ao longo de sua vida toda, em tornar conhecidos a realidade e o destino próprios do ser humano. Afinal, como afirma o Papa: “Evangelizar constitui a graça e a vocação própria da Igreja, a sua identidade mais profunda.”¹⁰⁶ Quer a Igreja, portanto, proclamar essa verdade sobre Deus revelado em e por Jesus. Desse modo, Deus se torna conhecido, “o Criador e Pai de todo ser humano”.¹⁰⁷

Portanto, “o ápice do anúncio de Cristo e da Igreja é que o Deus vivo se manifestou para nós” (Cf. At 17, 17-31). Assim, tornamos-nos homens verdadeiros ao descobrir a verdade sobre nós mesmos.

5.4.1.3 – No seu Verbo Encarnado, Deus chamou os homens para a vida eterna

Em sintonia com o Concílio Vaticano II, o Pontífice nos informa que a revelação de Deus em seu Verbo Encarnado, em Jesus de Nazaré, esclarece o

¹⁰⁴ NA, 1.

¹⁰⁵ Cf. SCHNEIDER, Theodor – SATTler, Dorothea. (org.). “Doutrina da criação”. In: SCHNEIDER, Theodor (org.) *Manual de Dogmática*, Vol. I, op. cit., pp. 170ss.

¹⁰⁶ EN, 14

¹⁰⁷ EN, 26

mistério do homem.¹⁰⁸ Daí, essa revelação manifestar a eternidade como seu fim último na vontade salvífica de Deus. “A razão última deste querer divino em se autocomunicar é revelação em seu amor da razão última da criação e do homem.”¹⁰⁹

Jesus, a partir das raízes da comum humanidade, abre a realidade eterna para o ser humano e toda a criação. Ele manifesta a dimensão transcendente de sua comunhão com Deus, a qual nos ultrapassa em seu mistério absoluto.¹¹⁰ De outro modo, pode-se afirmar que “o Deus Trindade, revelado no testemunho bíblico e na história humana, e que faz conhecer seu plano salvífico na humanidade de Jesus, é o mesmo Deus Trindade, cuja realidade permanece infinita, soberana e eterna”.¹¹¹ Ele se autocomunica como verdade na história humana e possibilita que o homem acolha essa autocomunicação de si mesmo.

Assim sendo, podemos afirmar que, na plenitude dessa história, isto é, na plenitude da gestação do homem e da autocomunicação de Deus, acontecidas em Jesus Cristo, acontece o máximo de extravasamento de Deus e a máxima acolhida por parte do homem. Em Jesus Cristo, portanto, Deus e o homem se encontram na sua total e direta presença, o que abre para o próprio homem o sentido de sua vida e o significado da História.

Logo, Deus se manifestando da encarnação à ressurreição de Cristo, transcendendo a temporalidade, abre para o ser humano a eternidade, que engloba o tempo e o espaço.

Dessa revelação de Deus, que é a história de Sua autocomunicação progressiva ao longo dos tempos, “ao criar o mundo e o homem, Deus já se autocomunica em seu primeiro gesto revelador e, por isso, salvífico, e inaugura no coração do homem o receptáculo de suas vindas na História.”¹¹²

¹⁰⁸ GS, 22

¹⁰⁹ O Pe. França Miranda, situado na reflexão teológica da revelação trinitária segundo Karl Rahner, ressalta: “Deus, como Princípio absolutamente último de tudo, e princípio através da comunicação da própria natureza divina em seu Filho, mesmo que não conheçamos o Pai como tal”, pois o mesmo sendo “origem sem origem, revela o nosso futuro de plenitude”. Cf. FRANÇA MIRANDA, Mário de. *O mistério de Deus em nossa vida: a doutrina trinitária de Karl Rahner*, São Paulo, 1975, p. 51.

¹¹⁰ Cf. QUEIRUGA, Andrés Torres. *Repensar a cristologia – sondagens para um novo paradigma*, São Paulo, 1999, p. 283.

¹¹¹ Cf. FRANÇA MIRANDA, Mário de. *O mistério de Deus em nossa vida*, op. cit., p. 96.

¹¹² FRANÇA MIRANDA, Mario de. *Libertados para a práxis da justiça*, São Paulo, 1980, pp. 25-55.

Portanto, quando o homem busca superar as limitações que o impedem de ser o que realmente é, ele começa a evoluir de uma condição frágil e efêmera para viver a vida verdadeira, a vida eterna, e de forma livre. Ou, como informa o Pontífice, a evangelização, ao atingir a vida natural, dá a ela novo sentido, com a abertura própria do Evangelho, o que, por sua vez, leva o homem à ascensão da vida sobrenatural.¹¹³

Essa mudança interior, de morte para vida, faz-nos novas criaturas para viver a Nova Vida de comunhão na relação de amor com os demais. Desse modo, a salvação chega até nós, pois salvamos juntos, em comunhão.¹¹⁴

O Papa Paulo VI ratifica sua proposição acerca do chamado de Deus para a Vida Eterna, afirmando que isso se dará de forma consciente, quando no homem os efeitos do anúncio de Cristo ganhar sua convicção; e ainda,

quando ele houver feito brotar naquele que assim tiver recebido uma adesão do coração. Sim, adesão às verdades que o Senhor, por misericórdia, revelou; mas, mais ainda, adesão ao programa de vida, vida doravante transformada que Ele propõe; adesão, numa palavra, ao Reino, que o mesmo é dizer, ao “mundo novo”, ao novo estado de coisas, à nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros, que o Evangelho inaugura.¹¹⁵

O Pontífice faz retornarmos, aqui, à questão fundamental do anúncio de Cristo, o Reino de Deus, de seu reinado contínuo na história da humanidade, que está “já” presente, mas “ainda não” de forma plena. Aquilo que será a manifestação do Reino Futuro, no tempo escatológico; o “ainda não” do reinado de Deus se expressa através de sinais visíveis que o “já agora” torna presentes na vida das pessoas, que, escutando o chamado de Deus, aceitam proclamar e testemunhar a fé cristã, através do seguimento de Jesus Cristo na vivência da Boa Nova, do Evangelho da Salvação.

Concluindo

A autocomunicação de Deus na humanidade, revelação dada ao longo de toda a vida de Jesus, resgata o valor de toda a criação, dá sentido a nossas vidas, a

¹¹³ Cf. EN, 47.

¹¹⁴ Cf. BOFF, Lina. – REZENDE DE MORAIS, Eva Aparecida. “A concepção de vida em Gregório de Nissa: ensaios de aproximação com as ciências da vida I”. In: *Atualidade Teológica*, 2007, pp. 317-341.

¹¹⁵ EN, 23.

todas as coisas e faz-nos abrir à realidade eterna o que se deu a partir de sua morte, em sua ressurreição. E ainda suscitada cotidianamente a nós, expressa em nossos sentidos o que necessita de discernimento constante. Trata-se do testemunho de Deus dado por Jesus Cristo, que revelou para nós o Amor eterno. E esse amor se mostrou no exercício ministerial de Jesus, numa entrega total e livre às necessidades e anseios do homem.

Cristo, ao assumir ser humano, assume, por sua vez, a humanidade de cada pessoa, sendo para cada uma delas um serviço de profundo amor. Portanto, Deus é esperança de vida plena em nós, que abraça o universo e nos propõe dar o que sozinhos não podemos conseguir. É Ele o fundamento dessa esperança, e Seu Reino está presente onde Ele é amado e o Seu amor nos alcança.

Logo, numa entrega de Deus na história humana, por sua encarnação em Jesus Cristo, num total desprendimento para tornar-se um de nós, servindo na humildade, é afirmado o Seu amor pelo mundo e pela humanidade, realizando a redenção. Em Jesus Cristo, Ele amou o mundo e jamais cessou de amá-lo.

Daí, então, cada um de nós é chamado ao seguimento desse testemunho de Jesus, para que, buscando continuamente manter-se na abertura ao infinito de Deus, permaneça numa entrega livre e desprendida ao serviço do homem e da mulher de nosso tempo.

Portanto, nessa concepção de vida eterna que depreende da entrega livre do Deus-amor e une em comunhão o Céu e a Terra, o transcendental e o natural. Para o cristão, resta realizar a plena identidade que traz seu nome, gozar da visão beatífica na transcendência da temporalidade humana e nascer para a plenitude do Cristo ressuscitado, o Eterno Vivente, que nos faz homens novos para a Nova Vida.

5.5 - Importância primordial do testemunho da vida

Não havemos de duvidar que a ênfase dada pelo Papa Paulo VI, nessa Exortação Apostólica, tenha sido o testemunho do cristão no mundo presente. Basta ver que, em todo o seu conjunto e conteúdo, a preocupação do Pontífice foi acerca da evangelização no mundo de seu tempo¹¹⁶, e esta tem sido também a

¹¹⁶ O pontífice, responsável em redigir e divulgar as conclusões do Sínodo dos bispos, cujo tema refletido foi “A Evangelização no Mundo de Hoje”, o que nos é comunicado nas seguintes orientações: Cf. EN, 21.41.

tônica do Concílio Vaticano II¹¹⁷ e do Sínodo dos Bispos de 1974, eventos que figuram como fundamentos dessa Exortação do Papa Paulo VI.

Esse testemunho deve-se apresentar como uma “comunhão solidária de vida e de destino dos cristãos”, de modo a transparecer a fé que os une na mesma esperança. É como aponta o Papa Paulo VI:

E esta Boa Nova há de ser proclamada, antes de mais, pelo testemunho. Suponhamos um cristão ou punhado de cristãos que, no seio da comunidade humana em que vive, manifesta a sua capacidade de compreensão e de acolhimento, **a sua comunhão de vida e de destino com os demais**, a sua solidariedade nos esforços de todos para tudo aquilo que é nobre e bom. **Assim, eles irradiam, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a sua fé em valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar.** Por força desse testemunho sem palavras, esses cristãos fazem aflorar no coração daqueles que os vêem viver, perguntas indeclináveis: Por que é que eles são assim? Por que é que eles vivem daquela maneira? O que é, ou quem é, que os inspira? Por que é que eles estão conosco? (EN, 21a)

A Boa Nova anunciada por Jesus já despertava a humanidade para uma realidade que parecia não pertencer ao que estava acostumada, ou seja, no dizer do povo daquela época, “uma sabedoria que não era deste mundo” (Cf. Mc 4,41; 5,20), uma admiração marcada por espanto e surpresa a partir dos atos de Jesus.

O Pontífice nos exorta a lembrar da palavra do Senhor: “Nisto reconhecerão todos que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 35); e ainda na Constituição sobre a ação da Igreja no mundo: “Os cristãos nada podem desejar mais ardentemente do que servir sempre, com maior generosidade e eficácia, os homens do mundo de hoje.”¹¹⁸

É esse o propósito do Papa Paulo VI, no artigo em estudo: partindo do testemunho dado por Cristo, um testemunho de amor e serviço que anuncia uma nova vida, a qual é vocação de todos os filhos de Deus. Por essa razão, todo cristão é chamado a testemunhá-la.

¹¹⁷ Basta ver a preocupação dos padres conciliares com a publicação das constituições sobre a Igreja (LG e GS) e sobre a missão e apostolado dos leigos (AA), documentos que situam a Igreja em diálogo com o mundo, procurando adaptar-se ao modo de ser da modernidade.

¹¹⁸ GS, 93

5.5.1 - O valor do testemunho cristão

Testemunhar a vida futura não é tarefa fácil, pois não a temos presente em meio a nós, em sua totalidade, senão em seu começo, ao considerá-la a partir de Jesus, em seu modo humano e divino de vivê-la em meio ao mundo.

O testemunho de vida, sobretudo por parte dos pastores, é ressaltado pelo Pontífice, a partir de uma vida de santidade,¹¹⁹ que, através de um humilde e escondido serviço pastoral, apresenta ao mundo o plano salvífico que receberam do Senhor,¹²⁰ mesmo diante das tribulações e dos perigos. Mas “esse testemunho deve ser dado, também, por todos os que participam desta missão e da Graça de Cristo, Supremo Sacerdote em seu ministério público”, ressalta o Pontífice.¹²¹

Notemos a preocupação do Papa Paulo VI em universalizar e tornar, fácil e compreensível a todas as pessoas o caminho que conduz à salvação oferecida por Deus em Jesus Cristo.¹²²

Partindo do artigo em estudo, fortalecendo o valor a ser dado ao testemunho da vida,¹²³ o Pontífice desperta os cristãos católicos a estarem conscientes da vida verdadeira que esperam, para a testemunharem, desde já, na condição terrestre em que se encontram.

Para tanto, na linha do Concílio, o Pontífice não descarta o valor desse testemunho, ao “considerar a imensidade de sofrimentos que atormentam, ainda hoje, a maior parte do gênero humano”.¹²⁴ E, por essa razão, ele vê como meio necessário “não deixar de fomentar em toda parte a justiça e o amor de Cristo para com os pobres”. Do contrário, que valor teria apontar ou “irradiar, de um modo absolutamente simples e espontâneo, a fé em valores que estão para além dos valores correntes”?¹²⁵ Ou ainda testemunhar, com gestos e palavras, uma vida em plenitude, que ficará desconhecida se não transformarmos a que conhecemos?

¹¹⁹ “Será, pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de, antes de mais nada, evangelizar este mundo; ou seja, pelo seu testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus Cristo, testemunho de pobreza, de desapego e de liberdade frente aos poderes deste mundo, numa palavra, testemunho de santidade” Cf. EN, 41.

¹²⁰ Cf. LG, 41

¹²¹ Cf. PAPA PAULO VI. “Discurso aos membros do Consilium de laicis”, in. AAS, Roma, 1974, p. 568.

¹²² Esta tem sido a constante preocupação do Papa Paulo VI. Basta conferir o n.º. 49 da *Evangelii nuntiandi*, quando ele recorda o valor do mandato do Senhor, que ordena esta universalidade sem fronteiras da salvação e, que foi bem acolhida por seus discípulos: “Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15). Cf. EN, 49.

¹²³ Cf. EN, 21.41

¹²⁴ GS, 90

¹²⁵ EN, 21

O testemunho cristão, portanto, tem sua força no dever fiel em ajudar todos os homens e mulheres de nosso tempo, quer os que crêem em Deus, quer os que não o admitem explicitamente, a perceber, com mais clareza, sua vocação humana integral. Essa é verdadeira desde já, “quando se busca construir um mundo mais universal, apoiado sobre os fundamentos mais profundos e corresponder, sob o impulso do amor, com esforços generosos e comunitários, às exigências urgentes de nossa época”.¹²⁶

Por fim, o testemunho dos cristãos deve concorrer para a construção do Reino de Deus desde este mundo, e levá-lo a seu fim, isto é à consumação final de todas as coisas em Deus. Desse modo, abrindo-se constantemente ao amor de uns aos outros (Cf. Jo 13,35), irão sempre desejar, ardentemente, amar e servir, de forma sempre mais generosa, na tarefa que concorre para a nova vida anunciada pelo Senhor.

Por este caminho que os cristãos hoje trilham, “os homens são despertados, em todo orbe da terra, para uma esperança viva, dom do Espírito Santo, a fim de que, finalmente, sejamos recebidos na paz e na fidelidade suprema, na pátria que brilha com a glória do Senhor”.¹²⁷ Assim, os cristãos são motivados pelo Espírito do Ressuscitado a assumirem uma vida vocacionada para o Reino definitivo.

5.5.2 – Um testemunho marcadamente escatológico

O chamado do Senhor feito aos apóstolos para estar com Ele na missão de anunciar o Reino e comunicar a Salvação a toda gente (Cf. Jo 20, 21; Mt 28, 16-20) continua a ser solicitado constantemente. Na *Evangelii nuntiandi*, o Papa Paulo VI lembra esse chamado a evangelizar a partir de um testemunho de vida, o que é também afirmado pela teóloga Lina Boff, “a ser com Deus para divinizar-se, numa vida de santidade, assumindo com consciência a vocação batismal.”¹²⁸ Essa tem sido a missão da Igreja ao convocar a humanidade ao acolhimento do projeto de vida anunciado por Jesus e para segui-lo no caminho que esse projeto orienta.

¹²⁶ Cf. GS, 91

¹²⁷ Cf. GS, 93

¹²⁸ A vocação por excelência é a santidade. A ela somos chamados a partir do batismo; um chamado à fé, ao seguimento e à graça. Todas as outras vocações nascem da vocação batismal. O batismo é a base que sustenta todos os ministérios. A missão da Igreja é transformar o mundo, sendo sinal e instrumento de realização do Reino de Deus. Cf. BOFF, Lina. “Índole escatológica da Igreja peregrinante”, art. cit., p.11.

Uma vez que o anúncio de Jesus é escatológico¹²⁹ – e isso Ele dá como testemunho de si mesmo: “Eu devo anunciar a Boa Nova do Reino de Deus” (Cf. Lc 4, 43) – nossa vocação também é escatológica, e devemos anunciar o Reino de Deus e toda a mensagem que ele comporta. Por isso, esse anúncio é escatológico – confirma o Pontífice – dado que “anunciamos em nossa realidade histórica valores que estão para além dos valores correntes, e a sua esperança em qualquer coisa que se não vê e que não se seria capaz sequer de imaginar”.¹³⁰

Após ter acesso à experiência de amor e solidariedade de vida doada por Deus em sua humanidade encarnada em seu Filho Jesus de Nazaré, coube aos cristãos, seus seguidores, proclamarem pelo testemunho essa Boa Nova. E para este testemunho todos os cristãos são chamados. Afinal, ressalta a teóloga Lina Boff: “a pessoa humana é chamada a ser uma com Deus e tornar-se, por conseguinte, divinizada [...], pois Jesus irrompe no meio da humanidade e plenifica todos os dinamismos latentes”, isto é, cada um de nós é convocado a realizar o chamado à vida escatológica até o ponto de chegar a ser um – com Deus.¹³¹ Essa experiência se dá sobretudo mediada por uma comunidade concreta, a Igreja dos batizados no Espírito Santo, pelo qual somos santificados em Cristo Jesus (Cf. 1Cor 1,2), qual sacerdócio santo (Cf. 1Pd 2,5). Em todos nós, o Deus Trino opera a santidade a que fomos chamados por vocação (Cf. Rm 1,7). Ao mesmo tempo, foi-nos infundida a esperança de ter parte na glória definitiva junto a Deus (Cf. Ef 1,4).

Portanto, a graça da santidade é derramada em profusão sobre a humanidade e toda a criação do mundo. Assim, com a graça da santidade, a História é levada à sua plenitude, para reconduzir ao Pai a humanidade dividida pelo mal, como humanidade reconciliada; e o mundo cindido pelo pecado, como mundo recriado;¹³² pois a vontade de Deus é a nossa santificação (Cf. 1Ts 4,3).

Portanto, em Jesus de Nazaré, somos testemunhas de sua Ressurreição para a nova vida, a vida verdadeira. O que significa que cada um de nós é chamado à vida escatológica; a assumir, conscientemente, este nosso destino, não isoladamente, mas em comunhão com todos os que se abriram a essa novidade de vida.

¹²⁹ EN, 8

¹³⁰ EN, 21

¹³¹ Cf. BOFF, Lina. “Índole escatológica da Igreja peregrinante”,. art. cit., pp.11-12.

¹³² Cf. BOFF, Lina. “Índole escatológica da Igreja peregrinante”,. art. cit., p. 14.

Nesse sentido é que podemos manifestar a nossa “comunhão de vida e de mesmo destino” com os demais irmãos, “na grande vinha do Senhor” (Cf. Mt 20,1-2). A vinha é o mundo inteiro que deve ser transformado segundo o plano de Deus, “em ordem ao seu advento definitivo do Reino de Deus”.¹³³

Portanto, nosso testemunho para o nosso tempo passa pelo caminho realizado por Jesus, em ir edificando o Reino já a partir desta história e não ficarmos esperando uma outra história para edificá-lo.¹³⁴ Este Reino começa aqui e caminha para sua plenitude no próprio Deus. Logo, não é abstrato, mas historizado pela encarnação do Verbo.

5.5.3 – Testemunho de comunhão de filhos no Filho de Deus

A vida de Jesus despertou nos cristãos a tendência natural à plenitude, porém ela necessita de ser alimentada em vista da santificação, o que se dará na comunhão de vida com a comunidade eclesial, uma vida autenticamente cristã, numa comunhão com Deus, dedicada ao próximo com um zelo sem limites. Mas, sobretudo, sustentada pelo constante discernimento e oração na força do Espírito do Ressuscitado.

Será, pois, pelo seu comportamento, pelo seu testemunho vivido com fidelidade a Jesus, seu Senhor, em pobreza, desapego e liberdade que o homem contemporâneo irá escutar com maior boa vontade.¹³⁵

Assim, nosso testemunho de comunhão nasce de nossa comunhão com Cristo, cuja morte assumiu um caráter escatológico; primeiro, porque Sua comunhão com o Pai foi consumada na doação total de Sua vida nesta Terra. E, segundo, porque n’Ele se cumpriu a plenitude da comunhão com o Pai,¹³⁶ e em sinal com todos os seus filhos adotivos em Cristo (Cf. Jo 10, 15-18).

Nessa atitude de Filho em comunhão com o Pai, o tempo *chronos* de Jesus atingiu seu ponto alto na tensão entre a vida terrena e a comunhão de vida com o

¹³³ Cf. JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, *Christifideles Laici*, São Paulo, 1990, pp. 5,6 e ss.

¹³⁴ Como dizia Leonardo Boff: “Reino de Deus, ao contrário do que muitos cristãos pensam, não significa algo puramente espiritual ou fora deste mundo. É a totalidade deste mundo material, espiritual e humano, agora introduzido na ordem de Deus... o Reino que não é um mundo totalmente outro que este, mas este mesmo, porém totalmente novo e renovado”. Cf. BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo libertador*, op. cit., pp. 69 e 92.

¹³⁵ Cf. EN, 41

¹³⁶ Cf. BOFF, Lina. “Índole escatológica da Igreja peregrinante”, art. cit., p. 24.

Pai. Dessa comunhão nasce nossa filiação divina, estreitamente identificada com a vida do próprio Filho.¹³⁷

Logo, por um lado, quem não conhece a pessoa de Jesus Salvador como o Enviado do Pai e não o acolhe em sua vida não pode ser filho de Deus (Cf. Jo 15,21). Por outro lado, quem partilha do conhecimento da verdade que Jesus Salvador tem do Pai, a este é dada a graça salvadora de reconhecer, em Jesus Salvador, aquele que o Pai enviou (Cf. Jo 17,25). Anunciar nossa filiação divina é levar a sério a encarnação de Cristo, que é fundamento da história humana, força transformadora do tempo presente e sentido real de nossa pré-destinação.¹³⁸

Portanto, os filhos e filhas de Deus são pessoas que reconhecem Jesus como seu Senhor e aceitam segui-Lo no chamado à santidade (Cf. Rm 1,9). São pessoas eleitas, santificadas e amadas por Deus (Cf. Cl 13, 12), que vivem uma íntima união com o Espírito Santo, o que significa pertença total a Deus, que se dá em Jesus Cristo.

O Papa Paulo VI evidencia, no artigo em estudo, a necessidade, como imperativo, de tornar conhecidas todas essas revelações escatológicas pelo testemunho de vida, primordialmente. Não se trata de um talento a ser enterrado (Cf. Mt 25, 14-30), mas compartilhado solidariamente com seus irmãos de fé e também com todos aqueles que ainda não conheceram essa fé,¹³⁹ que se encontra em culturas e estado de vidas diferentes com princípios que não são cristãos, uma vez que se trata de um Reino que é para todos, povo e criaturas de Deus, que se encontra espalhado por todo o mundo. “o Reino de Deus é dom e partilha” (Cf. Mt 19-20). E a salvação esperada abarca toda a humanidade e o mundo.

Não há, portanto, razão para ter medo ou desânimo nessa missão, mas agir como nas comunidades cristãs primitivas: “ao contrário, reconheçam de coração o Cristo como Senhor, estando sempre prontos a dar a razão de sua própria esperança a todo aquele que a pede a vocês” (Cf. 1Pd 3,15);¹⁴⁰ anunciar os valores próprios do Reino revelado por Jesus em seu trato com as diversas pessoas e culturas, sem exceção, assumindo uma postura de solidariedade, justiça, amor, e perdão, em seu ministério público.

¹³⁷ Cf. BOFF, Lina. “Índole escatológica da Igreja peregrinante”, art. cit. p. 24.

¹³⁸ Ibidem, pp. 24-25.

¹³⁹ LG, 3

¹⁴⁰ Cf. EN, 15.22

Portanto, o testemunho não poderia ser diferente, pois conformar com a práxis de Jesus é acolher e anunciar o plano de salvação que o Pai lhe concedeu realizar na humanidade, na realidade social, política, econômica etc., num processo de cumplicidade¹⁴¹ com a vontade de Deus para todos.

Assim, muitos cristãos, movidos pela esperança, podem aderir a uma causa sustentada pela justiça ou pelos valores próprios desse Reino.

Coloquemo-nos, portanto, “como cristãos na busca do Reino que já começa pela transformação desta história, esperançosos de que esse Reino culmine na Trindade”,¹⁴² não o perdendo, mas tendo-o como centro de nossas vidas. Assim, a esperança escatológica que nasce em nossa realidade concreta nos faz estar atentos, enquanto esperamos, pois a esperança, ela mesma sabe o que espera. Assim, podemos entender as palavras de Jesus de que o Reino “Já” começa nesta história. O desafio é que, ao assumirmos a dimensão histórica do Reino, “não percamos a dimensão transcendente que ele reclama para si.”¹⁴³

Portanto, tal testemunho deve despertar na vida humana e nas diversas culturas um novo ânimo, uma nova alegria, “um novo vigor no coração”,¹⁴⁴ daqueles que foram chamados para uma vida nova, pois as primícias do Espírito pulsam dentro de cada um (Cf. Rm 8,23) “[...] quando vivem em união com Cristo.” (Cf. 1Ts 5,10)

Dessa forma, se interpelados por essa novidade de vida ocasionada pelo anúncio do Reino definitivo, são também “transformados a partir de dentro, do seu interior”,¹⁴⁵ pelo Espírito Santo. Dessa experiência de “*metanoia*”, tais vidas transformadas ganham novo caminho “provocado pelo testemunho que comporta

¹⁴¹ Libânio salienta que “este processo de cumplicidade entre esperança cristã e práxis social deve nos levar ao encontro de uma nova situação histórica entre as pessoas; situação de fraternidade, de justiça, de solidariedade, em vista das experiências do Reino (...). Porém, não podemos perder de vistas Deus como centro. Dele vem a força, a realidade mesma desejada”. Cf. LIBÂNIO, João Batista. *Utopia e esperança cristã*, São Paulo, 1989, p. 173.

¹⁴² Cf. VEDOATO, Giovanni Marinot. *No caminho da sabedoria com Jesus*, op cit., pp. 43-45.

¹⁴³ Diz-nos o teólogo e padre jesuíta Jon Sobrino: “Começamos metodologicamente com o que é primário na vida, mas, em honradez e fidelidade a isso, encontra-se na dinâmica do “mais”; pois o Reino de Deus possui sua própria transcendência histórica”. Cf. SOBRINO, Jon. *Jesus, o libertador*, São Paulo, 1994, p. 199. Ainda sobre o mesmo assunto: cf. BOFF, Leonardo. *Vida para além da morte*, op. cit., pp. 138-140.

¹⁴⁴ Cf. BOFF, Lina. , “Índole Escatológica da Igreja Peregrinante” art. cit., pp. 26-27.

¹⁴⁵ EN, 10

presença, participação e solidariedade”; desde então, o novo fiel assume, a partir de uma opção fundamental, sua nova vida.¹⁴⁶

Concluindo

Vimos a importância de tornar conhecido o projeto de Deus-Pai revelado em seu Filho para o homem e para o mundo. Mas cabe a ousadia para que, com simplicidade e clareza, assumamos testemunhá-lo, dando continuidade ao que foi iniciado por Jesus Cristo e que é processo de construção na História, em vista de sua plena realização. Requer, também, a coragem e o desejo de mudar a partir de dentro, de experimentar-se da conversão; de assumir renúncias daquilo que satisfaz a si mesmo, para, convertido às novidades do Reino, dispor-se a anunciá-lo como esperança de vida eterna para todas as pessoas, numa atitude livre e desapegada.

Essa nossa esperança deve, portanto, ser comunicada a todos os que estão sem esperança.

Primeiro, precisamos vencer o medo e sermos ousados no Senhor para proclamar nossa esperança. Mas precisamos testemunhar com ousadia e com clareza. Precisamos também ter um bom testemunho de vida e santidade, no desafio da esperança.

Logo, o cristão e a Igreja tendem a ser instrumento e sinal de salvação, tendo Cristo como seu único mediador e com todos os batizados podendo incorporá-la como um único corpo, oferecendo suas próprias vidas por amor a Deus e aos irmãos. Cada um, com seu carisma e dom, procura contribuir para a união da Igreja, que sendo sinal de comunhão e do profundo amor de Deus pela humanidade, prolonga, de forma visível e espiritual, a ação de Cristo, guiada pelo Espírito Santo. Desse modo, seu testemunho se apresenta como “um só coração e uma só alma” (At 4,32). Cada cristão, portanto, é chamado a manifestar Cristo em sua própria vida, através do testemunho da fé, da esperança e do amor; a tornar a Igreja presente e ativa nos lugares e nas circunstâncias onde possa atuar como sal da terra. Será, assim, testemunho e instrumento da própria missão da Igreja na construção do Reino de Deus, como fez Jesus, em seu tempo.

¹⁴⁶ RÚBIO, Alfonso Garcia. *O Encontro com Jesus Cristo vivo: Um ensaio de Cristologia para nossos dias*, São Paulo, 2003, pp. 180-186.

Assim sendo, com a força do Espírito do Ressuscitado, empenhemo-nos como filhos de Deus, na construção de um mundo mais humano e de uma sociedade mais irmã entre as pessoas, para que, desde já, vivam em harmonia com a realidade de plenitude que nos foi antecipada pela ressurreição do Senhor.